



## SOMBRA E PERSONA NA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Marcos Bráulio de Souza

Caxias do Sul, 2020

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE PSICOLOGIA

SOMBRA E PERSONA NA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para Conclusão do Curso de Graduação em  
Psicologia sob a orientação da Profa. Dra.  
Tânia Maria Cemin.

Marcos Bráulio de Souza

Caxias do Sul, 2020

## SUMÁRIO

RESUMO .....	4
INTRODUÇÃO .....	5
OBJETIVOS .....	7
2.1 Objetivo Geral .....	7
2.2 Objetivos Específicos .....	7
REVISÃO DA LITERATURA .....	8
3.1 Aspectos Estruturantes da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.....	8
3.2 Sombra e Persona na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung .....	11
3.2.1 Sombra.....	11
3.2.2 Persona .....	13
3.2.3 Sombra e Persona .....	14
3.3 Perspectivas Patológicas.....	16
3.3.1 Perspectiva Junguiana Acerca da Patologia .....	16
3.3.2 Projeção da Sombra.....	19
3.3.3 Identificação com a Persona.....	20
3.3.4 A Sombra Maligna .....	21
3.4 Integrando os Opostos.....	22
MÉTODO .....	25
4.1 Delineamento.....	25
4.2 Fontes .....	25
4.3 Instrumentos .....	27
4.4 Procedimentos .....	27
4.5 Referencial de Análise.....	28
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
5.1 Recorte de Cenas e Categorias de Análise .....	29
5.2 Discussão.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS.....	46

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Descrição das Cenas e Categorias de Análise .....	29
---	----

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar possíveis implicações psíquicas do não reconhecimento da sombra e persona no processo de individuação de um sujeito, tendo como base a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Para tal estudo, foi usada tanto a referência do próprio autor da teoria como de seus seguidores, facilitando a leitura e entendimento desta vasta teoria acerca dos assuntos propostos. Como método, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, utilizando-se, ainda, do artefato cultural cinematográfico *Coringa*, produzido pela Warner Bros Pictures e dirigido por Todd Phillips, em 2019, nos Estados Unidos. Para a apresentação das informações a serem analisadas, a escolha foi pela organização de tabelas, na qual constam as categorias, definidas após assistir ao filme por diversas vezes, usando-se do referencial de análise de conteúdo de Laville e Dionne (1999). As quatro categorias foram definidas como: contextualização, não reconhecimento da sombra, identificação com a persona e sombra maligna. A primeira categoria apresenta uma consideração acerca do personagem, retratando sua vida e alguns aspectos importantes para entender seu funcionamento. A segunda categoria, não reconhecimento da sombra, demonstra algumas situações nas quais o personagem deixa de reconhecer sua parte mais negativa, projetando sobre o outro alguns aspectos que deveria integrar como seus. A terceira categoria, identificação com a persona, discorre sobre os momentos em que o personagem adere de maneira não saudável à sua persona, impedindo desenvolvimentos psíquicos importantes para seu crescimento. Na última categoria analisada, a sombra maligna, é analisada a assimilação excessiva com seu lado negativo, sem uma integração adequada, preconizando a sobreposição da consciência pela sombra. Portanto, com a leitura destes pontos foi possível discutir e esclarecer um pouco mais acerca do funcionamento da sombra e da persona em um indivíduo que não fez de sua individuação um processo consciente, e, portanto, sadio.

**Palavras chave:** psicologia junguiana, sombra, persona, individuação

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem um significado de jornada. Quando, há bastante tempo atrás, optou-se por entrar em um curso superior, foi necessário fazer uma opção mais lógica, racional, iniciando, assim, no curso de Administração de Empresas, tornando-se Bacharel oito anos depois. Contudo, daquela opção inicial remanesceu, ou perdurou, a vontade de fazer o curso de Psicologia.

Desta maneira, após aquela graduação, optou-se por fazer outras formações, tanto na área de Administração quanto na área de Psicologia. Assim, surge a decisão de resgatar o passado e iniciar o presente curso. Atualmente, em fase final da formação de psicólogo, foi possível perceber, olhando para a trajetória empenhada, o quanto esta forneceu possibilidades, tanto nas disciplinas teóricas, necessárias ao embasamento científico, quanto nas práticas, o vínculo com a realidade.

Em se tratando de linhas teóricas, durante o curso, houve contato com diversas abordagens e pensamentos, mas nenhum agradou tanto como a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, tendo feito uma formação específica na área. Deste modo, opta-se por tratar em seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre dois dos principais temas abordados por esta linha teórica: persona e sombra.

Assim, encaminha-se o final desta parte da jornada, a formação de psicólogo, com o desejo de que mais pessoas possam ler e descobrir na psicologia junguiana uma maneira de tornar-se cada vez mais habilitado a ser si mesmo, auxiliando, desta forma, na busca pelo outro.

Em termos de conteúdo acadêmico, os temas referentes à psicologia junguiana não ocupam as primeiras posições em nenhum momento do curso, tanto nesta Universidade quanto em outras. Certamente que as abordagens específicas podem, e devem, ser vistas após o término do curso, via formações apropriadas, sendo que esta abordagem, rica e complexa, da psique humana, busca trazer para o indivíduo a responsabilidade de sua própria vida, com seus atos e consequências.

Apesar de muito contestados em seu tempo, tanto Jung quanto Freud abordaram, inicialmente de maneira similar, a ideia de que o homem possui um lado sombrio, não desejável, e que não pode vir à tona de maneira consciente. Contudo, Jung diferencia, ao longo do tempo, sua análise ao perceber que, em contraposição à este aspecto menos desejado há um outro, que se mostra socialmente, em oposição paradoxal ao primeiro (Hollis, 2010).

Jung apresenta de maneira constante em sua obra o aspecto da dualidade paradoxal dos conceitos, agrupando-os em duplas e opondo um ao outro, em uma trama de possibilidades que se desvela no sujeito, sendo o desenvolvimento psíquico, o fruto da resolução das díades. Isto dá um tom de confronto, sobretudo com seu interior, não buscando a cisão, mas o entendimento e a integração, tão necessários ao ser humano (Gewehr, 2019).

Também deve se levar em conta a experiência de Jung com pacientes psicóticos, até então pouco avaliados pela psicanálise de Freud, dando ao psiquiatra austríaco a oportunidade de aprofundar seus estudos desta patologia. A psicologia analítica sempre esteve presente com pacientes desta ordem, trazendo àquele que deseja adentrar em seus conceitos, uma gama de possibilidades de atuação com este viés (Pinto, 2007).

Ainda pode-se destacar a abordagem de formação de personalidade da psicologia de Jung. Ele retrata a personalidade do indivíduo como um todo desde o princípio, dada já desde o nascimento, sendo essencial o desenvolvimento de todos os seus pontos a fim de que não fique fracionada, favorecendo o surgimento de sistemas autônomos e conflitantes entre si (Hall & Nordby, 2005).

Apesar de complexa, a teoria deve ser abordada de maneira simples, voltada a buscar em si mesmo a individualidade criativa, necessária na atuação clínica que, apesar das diferentes abordagens, é, em última análise, o milagroso toque em outra alma viva (Jung, 2013a). Utilizando-se desta abordagem, busca-se, a fim de melhor compreender o funcionamento psíquico humano, entender quais as possíveis implicações psíquicas do não reconhecimento da sombra e persona no processo de individuação de um sujeito.

## OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo Geral

Identificar possíveis implicações psíquicas do não reconhecimento da sombra e persona no processo de individuação de um sujeito.

### 2.2 Objetivos Específicos

- Descrever os conceitos de persona e sombra, segundo a psicologia junguiana;
- Descrever o processo de individuação a partir da psicologia junguiana;
- Caracterizar a abordagem de patologia psíquica para a psicologia junguiana;
- Traçar possíveis relações entre aspectos de um funcionamento psíquico patológico com conceitos junguianos.

## REVISÃO DA LITERATURA

### 3.1 Aspectos Estruturantes da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung

A riqueza da psicologia junguiana, temida por alguns como ocultista, traz para a luz uma série de conceitos e vivências que permitem ao indivíduo a busca pela sua individuação, ou seja, a integração de seu inconsciente à consciência na busca da totalidade do ser (Jung, 2014a). A fim de dar ao leitor uma base mais sólida sobre a linha teórica junguiana, antes de apresentar os conceitos objetivos deste trabalho, sombra e persona, serão apresentados aspectos mais gerais, na tentativa de alinhar com maior precisão sua base epistemológica.

A teoria junguiana é repleta de conceitos, todos eles muito diferentes das outras linhas teóricas, pois, ainda que tenham o mesmo nome, sua definição muda. É certo que a psicanálise de Freud utiliza muitos conceitos derivados da mitologia, mas Jung os aprofunda de maneira única, tendo nos mitos a base da própria psique. O autor considera que se pode ignorar sua existência (dos mitos), mas ainda assim reagir-se-á de maneira inconsciente às suas formas simbólicas (Jung, 2015).

Um dos maiores autores acerca do tema, Joseph Campbell, afirma que quando se tem acesso aos mitos, também revelados em forma de literatura ou religião, e se os mantém na memória, mesmo que de maneira longínqua, alinha-se sua relevância com aquilo que está acontecendo na vida presente, dando ao indivíduo uma perspectiva. Quando não se tem estas referências, busca-se algo para colocar no lugar. Ainda que fragmentados, estes pedaços de história, real ou inventada, refletem os grandes dilemas interiores do homem. Ainda afirma o autor, que antes de haver uma psicologia, haviam os mitos, estruturadores do ser interior. (Campbell, 1990).

Jung, valendo-se da mitologia, usa a palavra *Psyche*, do grego alma, para descrever a mente como um todo, e esta tanto enquanto objeto de estudo quanto de trato pessoal. Contudo, diferencia, na pronúncia, psique e Psiquê, esta última a personagem do mito, fazendo-se entender quando está falando de mente e quando está falando do mito (Hollis, 1999).

A palavra grega *Psyche* tem duas raízes etimológicas: borboleta e respirar (verbo). Enquanto borboleta, pode-se pensar na mutação, nas fases da vida que o ser humano passa para diferenciar-se e “criar asas”, crescer e amadurecer o que já está dentro; o verbo respirar, indica sobre, e é uma palavra análoga, o vento invisível que penetra no corpo na hora do nascimento e que parte na hora da morte (Hollis, 1999). É o entendimento deste conceito fundamental na psicologia junguiana que abre as portas para a busca dos outros conceitos,

dando ao leitor a clareza da dimensão da busca pelo equilíbrio através das paradoxais perspectivas de ser humano desta linha teórica (Gewehr, 2019).

No mito, Psiquê é uma jovem muito diferente de suas irmãs. Filha de um rei e uma rainha, Psiquê tinha uma beleza diferente, incomum, de maneira que “tinha tal perfeição que, para celebrá-la com um elogio conveniente, era pobre demais a língua humana” (Apuleio, 1995, p.73). Sua beleza era tanta que era, frequentemente, confundida com Afrodite, a deusa do amor, da beleza e da sexualidade. Esta confusão desperta o ciúme de Afrodite, que envia seu filho Eros para vingá-la, e fazer com que Psiquê “seja possuída de ardente amor pelo derradeiro dos homens, um homem que a Fortuna tenha amaldiçoado em sua classe, seu patrimônio, sua própria pessoa; tão abjeto, em uma palavra que, no mundo inteiro, não se encontre miséria que à sua se compare” (Apuleio, 1995, p. 73).

Contudo, ao se aproximar de Psiquê, Eros encontra uma jovem tão bela, que nenhum homem se atreve a pedir sua mão. Ao vê-la chorando por não encontrar o amor, Eros desiste de fazer o ordenado por sua mãe, mas ao contrário, aproxima-se de Psiquê como um amante, convidando a viver em seu castelo, onde terá tudo o que quiser, desde que não veja seu rosto. A história se desenrola de modo a fazer com que Psiquê, incitada pela inveja de suas irmãs, olhe o rosto de seu amado no momento em que este está dormindo. Por esta traição, Psiquê é condenada à morte e Eros, para salvá-la, recorre novamente à sua mãe. Esta, lhe dá a chance de sobreviver e ficar com seu filho: executar quatro tarefas impossíveis aos seres humanos (López-Pedraza, 2010).

No conto, Psiquê as realiza, todos com a ajuda dos outros seres e deuses, que percebem seu sofrimento e impossibilidade. Estas tarefas, não só trazem o fortalecimento para Psiquê, como a levam, ao final de sua jornada, à imortalidade, onde pode permanecer com Eros, o amor. Aqui nota-se o verdadeiro desfecho psicológico do mito: a alma encontra seus sofrimentos e impossibilidades, e deve fazer o impossível e buscar por trás de cada tarefa o seu significado (López-Pedraza, 2010).

Saindo do mito e voltando à teoria de Jung, se pode construir a ideia de que a busca do significado é sumariamente importante. Tal é a importância que a psicologia analítica dá para isto que a definição neurose, é o sofrimento de uma alma que não encontrou o significado (Jung, 2012). Assim como os trabalhos de Psiquê, a psique deve empenhar-se na busca de seus significados, executando as impossíveis tarefas, pois não é por pensar em luz que o indivíduo se torna luminoso, mas por tomar consciência da escuridão, o que é desagradável e impopular, uma obra não natural (Jung, 2013c).

A questão da mitologia na psicologia junguiana é apenas uma das facetas desta teoria. Jung ainda se baseia na etnologia (ciência que estuda fatos e documentos buscando

paridade entre culturas e civilizações), estudo comparado das religiões e alquimia, buscando estas fontes a partir da necessidade de fundamentar melhor suas concepções, baseando-se na historicidade de cada uma destas pela busca do que chamou de individuação. Ele entendeu que todas estas teorias anteriores que estavam fora do campo de uma psicologia formal, muito mais antigas do que seus estudos sobre a psique, já carregavam em si uma forma de psicologia, ou seja, uma maneira que o homem sempre encontrou de dar vazão às suas necessidades de autoconhecimento (Santos, 1976).

A individuação pode ser definida como uma imposição da evolução individual, um processo de tornar-se si mesmo o mais completamente possível, tanto quanto o indivíduo for capaz, dentro dos limites impostos por sua vida, com duas possibilidades de fim: enfrentado os problemas decorrentes deste processo ou ficando presos a estes. Assim sendo, a individuação constitui “ao mesmo tempo a meta e o processo” (Hollis, 1995, p. 136).

A individuação psíquica é comparada, por Stein (2006), com o desenvolvimento físico. Assim como o ser humano nasce como um bebê, alcança sua maturidade corpórea aos vinte e tantos anos e inicia seu processo de diminuição de metabolismo aos trinta e poucos, assim também é o funcionamento psíquico. Conforme o indivíduo trata o corpo, estas fases podem ser entendidas, bem como no caso da psique humana. Para a perspectiva junguiana, um conjunto de imagens arquetípicas, que dão formas para as atitudes, condutas e motivações psicológicas, fornecem a sólida base de apoio para cada momento da vida e da individuação.

Estas imagens arquetípicas são como instintos, sempre ligados ao corpo, mas advindos de um inconsciente coletivo. Em seus estudos, Jung percebe grande semelhança entre símbolos, rituais, atuações, etc, em tribos que não tinham tido nenhum contato entre si, nem entre seus membros, nem em seus antepassados. Ao investigar este fenômeno, desenvolve o conceito de inconsciente coletivo, uma instância psíquica compartilhada por todos os seres humanos, mas experimentado de maneira individual, em que permanecem os resquícios herdados, preexistentes, em relação à consciência. Estes fragmentos não foram esquecidos, suprimidos ou reprimidos, pois nunca estiveram na consciência (Santos, 1976).

As imagens arquetípicas, ou seja, os arquétipos, são os elementos constituintes deste inconsciente coletivo, são as possibilidades que o indivíduo dispõe de reagir de certa maneira diante de cada uma das situações da vida, e são traduzidos em formas de sonhos e fantasias. Por este motivo os mitos refletem de maneira específica a psique humana, pois estão repletos dessas formas, vazias, com a qual cada um irá preencher com suas próprias questões, influenciadas pela educação e criação, “ligando-se” a um arquétipo mais do que a outro (Santos, 1976).

Esta concepção de psique foi um dos grandes pontos de discordância que separou Freud e Jung, distanciando este último da teoria da libido, e inserindo-o em um contexto mais amplo, de mais difícil explicação, mas de vivência indiscutível. Jung concorda que a libido está direcionada originalmente ao corpo da mãe, de onde vêm a nutrição, fundamental à vida, e que, mais tarde, irá se direcionar para canais efetivamente sexuais, para a continuação da espécie. Contudo, ao ser transformada, e não sublimada, como afirma Freud, esta libido encontra algo de espiritual, refeito, não se referindo mais àquela fixação inicial, mas alinhada com seu real objetivo, e não porque seja um substituto à realização sexual. Desta transformação, para Jung, nasce a cultura, que é a realização do desejo, e não sua obstrução (Stein, 2006).

### **3.2 Sombra e Persona na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung**

Seguindo essa linha de pensamento, torna-se fundamental a produção de conhecimento, ou melhor, sua propagação, acerca desta teoria. E, ao abordar a teoria de Jung, é comum que os autores iniciem conceituando dois aspectos básicos que compõem a psique: sombra e persona. Estes dois pontos estão, inicialmente, em contraposição, assim como grande parte dos conceitos que embasam esta teoria (Gewehr, 2019).

A teoria de Jung, assim como algumas outras, nem sempre tem, em sua obra original, as definições claras e específicas de cada um dos conceitos apresentados. Por este motivo, nem sempre será possível lançar mão do próprio autor da ideia com uma concepção que possa abarcar de maneira aprofundada o conceito. Neste caso não é diferente, portanto, há de se buscar detalhes, informações por vezes soltas, para abarcar os conceitos que serão aqui apresentados.

#### *3.2.1 Sombra*

Em um livro transcrito a partir de um seminário, Jung responde a um dos participantes que aquilo que chama de sombra é “um lado menos perfeito, menos luminoso que, sendo assim, não corresponde aos ideais de perfeição” (Jung, 2014b, p. 50). A sombra é como uma sacola, em que se coloca tudo aquilo que não é apreciado, inicialmente, pelos pais, e posteriormente, por aqueles a quem se tem amor ou respeito. Quando tenta-se abrir esta sacola, a visão pode ser a de uma terrível criatura, oposta a tudo o que se quer ser (Bly, 2016).

A sombra possui a qualidade imoral, ou pouco recomendável, do indivíduo em relação aos costumes e práticas morais da sociedade. Se assemelha ao conceito de *id* freudiano. Se através de um longo processo de análise de consciência alguns aspectos da

sombra forem integrados à personalidade, esta pessoa será muito diferente do indivíduo comum, mas, em mantendo-se inconsciente, é projetada no outro (Stein, 2006).

James Hollis, um dos expoentes escritores da psicologia junguiana, relata que a psique humana não é algo singular ou unificado, como quer acreditar o ego, mas sim diversa, múltipla e, principalmente, dividida. Estas divisões, contidas de energia fractal, tem a capacidade de agir independentemente da ação consciente, podendo, inclusive, subjugar a consciência, usurpando da liberdade e tomando suas próprias diretrizes. Uma destas partes é chamada de Sombra. Apesar de haver um certo alinhamento dentro da psique, de maneira que estas partes não avancem sobre a consciência de forma abrupta, quanto mais inconsciente uma pessoa está de suas questões negadas, mais risco corre de perder, ainda que momentaneamente, sua autonomia. (Hollis, 2010).

Segundo Hollis, existem quatro formas categóricas por meio das quais a sombra se manifesta na vida: a) quando permanece inconsciente, mas ativa; b) quando é renegada, mas projetada nos outros; c) quando usurpa da consciência ao tomar posse do ego; e, d) quando amplia a consciência por meio do autorreconhecimento, diálogo e assimilação de seu conteúdo. De todas, apenas esta última é saudável (Hollis, 2010).

Contudo, não se pode pensar que a sombra seja apenas material negativo, ou mau em si mesmo. Qualquer coisa que não se aceita em si próprio, ou não é aceito pelos pais ou criadores, podem acabar na sombra. Hollis cita seu próprio exemplo, em que sua mãe, dada sua vida pregressa, entendia que se expor à opinião dos outros é algo ruim, e que não deve ser feito. Quanto menos for vista, melhor. Assim, ensinou seu filho a não aparecer, nunca mostrar-se, mas sim esconder-se. Desta maneira, o autor cresce, obtendo profundo conhecimento sobre o assunto, mas sem conseguir publicar nada. Sua sombra não era má, mas uma defesa contra seu, aparentemente perigoso e nocivo, eu (Hollis, 2010).

Whitmont, relata uma definição peculiar de sombra, de tal maneira que pode ser exemplificada:

Imaginemos um motorista que, sem perceber, usa óculos com lentes vermelhas. Ele teria dificuldades para distinguir entre as luzes vermelha, amarela e verde dos semáforos e correria perigo constante de sofrer um acidente. De nada lhe adiantaria que algumas, ou mesmo que todas as luzes que ele percebe como vermelhas fossem realmente vermelhas. O perigo, para ele, está na sua incapacidade de diferenciar e separar o que a sua “projeção vermelha” lhe impõe, Quando ocorre uma projeção de sombra, não somos capazes de diferenciar entre a realidade da outra pessoa e nossos próprios complexos. Não conseguimos distinguir entre fato e fantasia. Não

conseguimos ver onde começamos e onde o outro termina. Não conseguimos ver o outro; nem a nós mesmos. (Whitmont, 2016, p. 37).

A sombra, contudo, não representa o todo do inconsciente, mas uma parte, a que não quer, ou não pode, ser vista. Ao ser atacada, em forma de uma correção, por exemplo, revela no indivíduo algo que não é reconhecido, podendo gerar raiva ou indignação. Porém, quando esta é apresentada através de material onírico, sonhos, costuma gerar mais um silêncio embaraçoso, sendo apresentada, geralmente, como alguém do mesmo sexo. No sonho, o indivíduo pode ser aquele “que não é”, com a possibilidade de trazer à tona os valores necessários à consciência, mas que existem sob uma forma que torna difícil sua integração à vida do sujeito. De certa maneira, a sombra é como um outro com a qual se deve relacionar, às vezes cedendo e outras resistindo, mas se tornará hostil quando ignorada ou mal compreendida (Von-Franz, 2016).

Ainda em relação aos sonhos, e também vistos em incontáveis materiais literários e cinematográficos, a sombra está sempre relacionada ao vilão e ao mal. A cor negra está também intimamente ligada com a sombra nos conteúdos oníricos, podendo aparecer como a representação de tudo aquilo que se está tentando evitar: um malfeitor, uma doença, um ser que cause medo e evitação (Barreto, 2017).

### 3.2.2 *Persona*

O nome *persona*, escolhido por Jung, vem do termo romano que designa as máscaras que um ator usa durante o espetáculo. A *persona* é uma construção feita a partir de uma mistura de questões pessoais e sociais, adotada para um fim específico. Esta pode ser consciente em maior ou menor grau (Stein, 2006). Jung considera que esta máscara aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é única, quando não passa de um papel, proveniente em grande parte da psique coletiva. Ela tem aspectos da realidade interna, de modo que o ego pode se identificar com a *persona* de modo exclusivo, mas, em última análise, não é real, pois representa mais o compromisso entre o indivíduo e a sociedade do que da verdadeira individualidade (Jung, 2008).

Uma *persona*, ainda que necessária, quanto mais usada de maneira inconsciente, mais reforçada se torna, levando o sujeito a crer que é a máscara que usa, tornando-se dependente desta na definição de sua identidade e senso de realidade, podendo vincular a isto seu sentimento de valor pessoal e de afinidade ao grupo ao qual pertence ou quer pertencer (Stein, 2006).

Ainda segundo Stein (2006), o ego não escolhe deliberadamente identificar-se com determinada persona, mas encontram-se em ambientes em que precisam sobreviver, esforçando-se para seguir adiante, moldando esta parte da personalidade conforme a necessidade. Para ilustrar, usa como exemplo o sexo de nascimento, fazendo com que a pessoa copie certos trejeitos específicos do genitor com a qual se identifica.

Em terapia com foco na psicologia junguiana, um dos primeiros aspectos a se trabalhar é a persona, que será aquilo que o paciente normalmente trará para as sessões, dando-se conta, aos poucos, o quanto julgava genuinamente seu alguns aspectos de sua persona (Santos, 1976). Para Stein (2006), a persona desenvolvida de maneira criativa e dentro de um contexto de desenvolvimento psicológico, funciona tanto para expressar quanto para esconder certos aspectos da personalidade, possuindo amplitude suficiente não só para expressar conteúdos socialmente apropriados, mas sendo autêntica e plausível.

### *3.2.3 Sombra e Persona*

Sombra e persona são o que Jung denominou complexos. Estes são como fragmentos de personalidade, ou subpersonalidades, ilhas de consciência própria dentro do inconsciente, ativados por um fato externo que os estimula, permitindo que estes complexos assumam, normalmente de maneira momentânea, o ego. Estes complexos têm sempre um componente arquetípico, ou seja, inato e primitivo, que respondem ao momento e que são responsáveis pelas perturbações da consciência. Estes complexos podem alternar-se na posse pelo ego. No caso da persona e da sombra, como uma espécie de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, em que um funciona como a personalidade oficial, social, e outro dominará a personalidade em ambientes particulares e íntimos. Este processo, de alternância em seu oposto, é chamado de enantiodromia (Stein, 2006).

Os complexos estão alojados no inconsciente do indivíduo, ou seja, foram experiências vivenciadas pelo sujeito, comumente relacionadas a algum trauma, que podem gerar fraturas na psique, isolando-se com sua carga emocional respectiva. Ainda assim, não se pode cair no erro de considerar os complexos como algo patológico, o que seria falso, pois o fato de seu conteúdo ser perturbador para o ego não é por si só um indicador de doença. Contudo, o patológico pode aparecer quando o sujeito não está ciente dos efeitos que esse complexo está gerando em sua vida (Ramirez Gómez, 2014).

Segundo Stein (2006), aquilo que é rejeitado pela consciência do ego torna-se a sombra, e aquilo que é aceito, torna-se parte da consciência e da persona. Persona e sombra, desta maneira, são usualmente, e majoritariamente, o oposto exato uma da outra, mas, ao mesmo tempo, tão próximos como dois gêmeos. Para a teoria junguiana, esta díade irá

determinar, em grande parte, a saúde psicológica de um sujeito, indicando em qual grau este integrou sua sombra. Se por um lado sua integração pode significar um problema moral, por outro lhe trará uma experiência mais completa e transformativa de vida. Em oposição, rechaçar a sombra, traz uma vida mais correta, mas terrivelmente incompleta, rasa em termos de abrangência psíquica. Nisto consiste o dilema, sobre o qual o ser humano deveria despende mais energia em “resolver” (Stein, 2006).

Jung, relata sobre o trabalho psicológico com a sombra:

Estamos convencidos de que certas pessoas possuem todos os defeitos que não encontramos em nós mesmos, ou de que se entregam a todos os vícios que naturalmente nunca seriam os nossos. Devemos ter o máximo cuidado para não projetar despudoradamente nossa própria sombra, pois ainda hoje nos encontramos como que inundados de ilusões projetadas. Se quisermos imaginar uma pessoa bastante corajosa para se desvencilhar de todas essas projeções, devemos pensar, em primeiro lugar, num indivíduo que tenha consciência de possuir uma sombra considerável. Tal homem sobrecarregou-se de novos problemas e conflitos. Converteu-se numa séria tarefa para si mesmo, porque já não pode mais dizer que são os outros que fazem tal ou tal coisa, nem que são eles os culpados e que é preciso combatê-los. Vive na "casa do autoconhecimento", da concentração interior. Seja qual for a coisa que ande mal no mundo, este homem sabe que o mesmo acontece dentro dele, e se aprender a arranjar-se com a própria sombra, já terá feito alguma coisa pelo mundo. Terá conseguido dar resposta pelo menos a uma parte ínfima dos enormes problemas que se colocam no presente, boa parte dos quais apresenta tantas dificuldades pelo fato de se acharem como que envenenados por projeções recíprocas. E como poderá ver claramente, quem não se vê a si mesmo, nem às obscuridades que inconscientemente impregnam todas as suas ações? (Jung, 2012, pp. 105).

Uma das maneiras de iniciar a integração entre sombra e persona é avaliar com clareza e honestidade os *feedbacks* que se recebe. Conforme ocorre o amadurecimento, mais habilidade desenvolve-se em discernir os padrões, ou melhor, a repetição de certos padrões, fazendo o sujeito conseguir identificar melhor seus pontos inconscientes. Sempre em forma de fragmentos, sonhos, palavras do outro, pequenos fatos percebidos, pode-se, caso se esteja alerta ao recado, perceber aí uma possibilidade de integração. Este movimento requer coragem e responsabilidade (Hollis, 2010).

Sombra e persona, assim como os outros complexos, sempre ambivalentes entre seus pares, estão em constante conflito, visto que são opostos. Este conflito é mediado por uma terceira parte, o ego. Desta maneira, conteúdos inconscientes da sombra, mas necessários, e conteúdos socialmente aceitos, por vezes também inconscientes, devem ser integrados, em uma nova forma. Não simplesmente um pedaço deste e um daquele, nem tampouco um simples acordo entre as partes, mas uma amálgama, um novo símbolo, com algo de ambos, que irá gerar uma nova atitude por parte do ego, uma nova relação com o mundo. Sem um ego apto a reconhecer ambas as partes, este desenvolvimento não será possível (Stein, 2006).

Esta integração pode, em alguns casos, ser impossível, caso o conteúdo da sombra seja muito extremo e distante do mínimo necessário à aceitação social. Para estes casos, a medicina psicotrópica é a única saída possível, funcionando como um amortecedor que irá inibir certas fontes de energia. Em outros casos, o ego é instável ou fraco demais para moderar a impulsividade (Stein, 2006).

### **3.3 Perspectivas Patológicas**

#### *3.3.1 Perspectiva Junguiana Acerca da Patologia*

Jung, apesar de sua formação médica, entende que os médicos não se ocupavam do doente mental enquanto um ser humano, mas, geralmente, em função de sua doença, desconsiderando a individualidade de cada um, não desempenhando papel algum a psicologia do doente mental, questionando-se acerca do que se passava no espírito destes pacientes (Jung 2016).

Segundo Jung (citado por Bizarria, Tassigny, Oliveira & Jesuíno, 2013), os estudos de Freud acerca da histeria e dos sonhos foram de contribuição ímpar para a introdução da questão da psicologia na psiquiatria. Em sua tese de doutorado, Jung pesquisa sobre a cisão das ideias causadas pela esquizofrenia, penetrando na psicologia dos doentes através do teste de associação de palavras. Com isto, Jung demonstrou que mesmo em distúrbios severos como este havia a possibilidade de entender os sintomas, primeiramente de aparência desconexa, desde que se levasse em conta alguns aspectos como sonhos e visões dos próprios pacientes, escapando do determinismo (Silveira, 1981).

Em sua teoria, Jung utiliza-se, de maneira proposital, de linguagem de escopo vasto, podendo dar uma impressão de duplo sentido, preferindo termos abertos em detrimento daqueles de único sentido, definindo, contudo, com precisão os termos por ele empregados.

Porém, recomendava com ênfase, uma cautela ao apego exagerado aos próprios conceitos, priorizando os fatos observados às teorias (Bizarria et al., 2013).

Ainda sobre a patologia, enfatizava que enquanto uma pessoa pudesse explicar-se, e, se pudesse sentir que o contato poderia ser mantido, afirmaria que este não está louco, e que somente se houvesse um colapso da função adaptativa é que se poderia pensar em uma loucura, uma concepção extremamente relativa. Desta maneira, se o contato puder ser mantido, significa, ainda que não ideal, uma possibilidade de consciência intacta. Esta consciência, é necessária, pois todas as outras evidências, vindas do inconsciente, são indiretas, aparecendo na consciência de maneira espontânea, mas não necessariamente reproduzível segundo a vontade do indivíduo. Este desconhecido apresentado à consciência são os complexos, produtos de nível inconsciente que atinge o campo do consciente (Bizarria et al., 2013).

Jung (2013b), afirma que as ideias delirantes e as alucinações surgem na consciência quando estes conseguem ultrapassar a barreira que separa esta do inconsciente, ou seja, algo que desbalanceou o equilíbrio entre estas partes, seja de maneira regular e, de certa forma, controlada, como é o caso da pessoa saudável, seja de maneira bruta e descontrolada, como no caso do doente. Assim, quando o inconsciente se direciona de maneira a se priorizar ante à consciência, o sujeito se encaminha para a doença.

Consciente e inconsciente são também, um para o outro, compensatórios. Quando há o desbalanceamento, um “regula” o outro. Isto pode ser visto com clareza nos sonhos. Ainda estudando a esquizofrenia, generalizando posteriormente para as outras doenças mentais, Jung defende que um dos motivos da doença pode ser, justamente, quando o consciente não permite esta regulação, dificultando os impulsos compensatórios oriundos do inconsciente. Contudo, estes materiais inconscientes podem ser bastante distorcidos, pois só podem aparecer na consciência com sua própria e heterogênea linguagem, a do inconsciente (Bizarria et al., 2013).

É como se o inconsciente do sujeito lutasse para aparecer, tendo uma importante função no distúrbio mental: a de compensar conteúdos “prejudiciais” da consciência (suplantar um desejo, por exemplo) (Jung, 2013b).

Como maneira de identificar onde estava a situação problemática do sujeito, ou seja, qual complexo estava sendo ativado, Jung utilizou o teste de associação de palavras. Para tanto, pronunciava uma lista de palavras-estímulo, anotando em quais a pessoa respondia com diferença das demais, o que poderia ser a voz gaguejada, uma expressão facial, uma demora, falha de memória, etc, enfim, qualquer desconforto ou perturbação, denotando seu ponto de impasse (Silveira, 1981). A doença está justamente na

incompatibilidade entre estes complexos (sendo sombra e persona dois exemplos destes) e a consciência do ego. Por serem inconscientes, os complexos acabam encontrando meios indiretos para se apresentarem, podendo ser de menor grau, os neuróticos, e em maior grau, os psicóticos (Bizarria et al., 2013).

A psicose divide-se em duas instâncias: uma é a paranóia, normalmente uma mania de perseguição, em que o ego fragmenta-se, como uma duplicação da personalidade, mas onde os “eus” ainda relacionam-se entre si; e outra a esquizofrenia, em que o eu sofre tal fragmentação que passam a coexistir certa variedade de sujeitos, de funcionamento autônomo, uma dissociação (Jung, 2013b).

Jung (2013b), defende que na neurose há uma preservação da unidade potencial da personalidade, e que no caso mais grave de psicose, a esquizofrenia, os complexos se separam de tal forma que não se reintegram, ainda que inconscientes (sua característica inata), à unidade psíquica, apresentando-se de maneira desconexa e inesperada, em que a dissociação é, geralmente, irreversível, esfacelando a totalidade do indivíduo. Dentro desta abordagem, a psique fica como um espelho partido, em que cada pedaço constituirá uma personalidade individual, sendo o ego apenas mais uma destas (Bizarria et al., 2013).

Assim,

as figuras cindidas possuem nomes e características banais, grotescas, caricaturais, e, em muitos aspectos, contestáveis. Além, disso, não colaboram com a consciência do paciente. [...] intrometem-se e perturbam o tempo inteiro, atormentando o eu de inúmeras maneiras. [...] Trata-se visivelmente de um caso de visões, vozes e tipos desconexos, todos de natureza violenta, estranha e incompreensível (Jung, 2013b, pp. 263-264).

Contudo, nem sempre será um ego ou um consciente fraco que será a causa do ponto de ruptura da psique. O mais comum é um fortalecimento excessivo do inconsciente com a presença da doença, sendo esta causa e, ao mesmo tempo, consequência. Por este motivo, a psicologia junguiana não trata diretamente de uma doença, com nome de algum manual, mas da psicologia geral do sujeito, levando em conta seu material patológico (Bizarria et al., 2013).

Desta maneira, também não se procura, nesta abordagem, uma cura, já que nem o diagnóstico exato resolveria em definitivo a condição do sujeito, mas o entendimento do sujeito, servindo o terapeuta como uma orientação na tentativa de que este se compreenda (Bizarria et al., 2013). Assim, o objetivo de uma psicoterapia baseada na psicologia analítica não é tanto a exploração dos sentimentos infantis, mas o aprendizado gradual, empenhado de muito esforço, na aceitação de seus próprios limites, carregando o peso do sofrimento

pelo resto da vida. O trabalho psicológico não liberta o paciente da sua grave causa ou desconforto, mas ensina-o a se tornar adulto, enfrentando ativamente a sensação de estar sozinho com sua dor. É, ainda, um exame do sofrimento e a descoberta da densa trama de correspondência entre os eventos externos e internos que constituem cada vida (Hollis, 1999).

### *3.3.2 Projeção da Sombra*

A sombra não é diretamente experimentada pelo ego, mas é, por ser inconsciente, projetada nos outros. Quando o indivíduo se sente profundamente irritado com um comportamento oposto ao seu, egoísmo, por exemplo, esta reação é, usualmente, um sinal de que está sendo projetado um elemento inconsciente de sua sombra (Stein, 2006). Para o entendimento do funcionamento da projeção da sombra nos termos junguianos, pode-se utilizar o mesmo conceito definido por Freud sobre a projeção do inconsciente. Pode-se caracterizar como projeção o ato em que uma percepção interna é reprimida, aparecendo posteriormente na consciência através da ação do outro, dando a percepção de ter vindo do exterior (Pinto, 2014).

Contudo, para que haja a projeção, deve haver no outro um elemento real que dê esta impressão, o que ajuda a misturar percepção e projeção. Tal efeito, em uma pessoa psicologicamente incauta ou excessivamente defensiva, fará com que esta se prenda na percepção obtida, excluindo a possibilidade de ganho psicológico, que poderia ser o reconhecimento desta parte em si, promovendo a integração da sombra. Em seu lugar, o ego, usando-se dos mecanismos de defesa, poderá adotar uma posição farisaica, de satisfação com sua própria humildade (usando o exemplo de egoísmo), colocando-se no papel de vítima ou de observador, sendo apenas o outro o monstro cruel (Stein, 2006).

Quando a sombra é projetada no outro de maneira totalmente inconsciente, o sujeito perde a possibilidade de reconhecê-la como sua, e, portanto, perde a possibilidade do desenvolvimento psicológico, ou seja, do reconhecimento do seu lado menos positivo. A projeção, contudo, seria uma importante forma de dar-se conta, mesmo a partir do outro, de suas próprias trevas, sendo mais comum que a projeção da sombra, especificamente, ocorra em pessoas do mesmo sexo (Santos, 1976).

Ainda, aquele que ignora completamente sua sombra, e que em sua consciência não passa nem um pequeno lume de que possua um lado mau, projeta na totalidade sua sombra. Neste caso, a sombra do indivíduo se voltará contra ele, pois aquilo que o indivíduo não faz aflorar à consciência, aparece em sua vida como ‘destino’ (Jung, citado em Zweig &

Abrams, 2016), assim como Édipo, que justamente para escapar de seu destino de matar o pai e casar-se com a mãe, encontra-se com ele (Sófocles, 2015).

Ainda pode ocorrer a projeção de sombra em massa. Como exemplo, pode-se pensar em uma sociedade, ou grupo de pessoas, que usa seus políticos como maneira de reafirmar sua própria integridade e honestidade. Há, neste ato, uma enorme recusa por parte dos cidadãos em reconhecer que o lado desprezível que percebem nos políticos também faz parte da sua própria sombra interior (Novaes, 2016).

Muito da sombra individual vêm dos pais e do passado não vivido destes. Por isto, a sombra pode ser tão inconsciente a ponto de não ser nem uma vivência pessoal. Ainda assim, este passado não está morto, e nem sequer é passado, pois vem à tona sempre que necessário. Ainda que apagado, aquilo ao qual o indivíduo resiste irá persistir, como uma espécie de assombração, correndo o risco, caso não tenha aprendido com o passado, de repetir não só sua sombra individual, mas de gerações (Hollis, 2017).

### *3.3.3 Identificação com a Persona*

Diferentemente da sombra, a persona possui grande afinidade com o ego, visto que foi formada a partir deste no aprendizado diário de convivência com o meio, adquirindo as maneiras e atitudes corretas ao convívio social (Santos, 1976). Ter uma persona é o modo mais saudável de funcionamento, pois uma adequada vestimenta para o mundo o indivíduo não apresenta nenhum filtro, sendo, justamente esta falta, a característica de alguns transtornos mentais. Ainda que no uso de sua persona de maneira saudável, o indivíduo ainda permite o aparecimento de sua individualidade, dado que a persona faz também parte da própria individualidade (Santos, 1976).

Contudo, algumas pessoas poderão não apenas ter sua persona, mas se identificar com esta, a ponto de entender a consciência do eu limitada ao exato tamanho da persona. Desta maneira, não sabe viver fora desta, o que pode resultar em um desastre, levando a uma espécie de unilateralidade do consciente. Este comportamento poderá provocar o inconsciente, mais especificamente a sombra, a mostrar-se (Santos, 1976).

Stein (2006) aborda sobre a armadilha da superidentificação com a persona, em que o indivíduo preocupa-se de tal forma a agradar e se adaptar ao mundo externo (pais, sociedade, amigos, etc), que passa a acreditar no constructo da persona como sua própria identidade. Naquele que não se desenvolveu psicologicamente, como em um adolescente, por exemplo, isto pode refletir em uma fantasia de invencibilidade, acreditando que seu desenvolvimento está muito acima de algum outro, frequentemente mais velho. Para o autor,

este é o caminho para se tornar um mero estereótipo, vítimas de uma prematura adaptação da persona.

É como se a persona, ou seja, o personagem, fosse o próprio indivíduo, estando o ego enganado pela máscara. Ao identificar-se, faz como o ator que sai do palco, mas não do papel que representa. Com exceção do trabalho psicoterápico com máscaras, em que é importante que o paciente use as diferentes máscaras para trazer à tona como personagem aquilo que não consegue de maneira espontânea, a identificação indiscriminada com a persona deixa o paciente em uma eterna atuação, às vezes rasa e insípida, tornando o sujeito sorridente por fora e doente por dentro (Oliveira, 2013).

Apesar de a identificação com a persona, sempre que esta teve o correto desenvolvimento e integração psíquica, ser benéfica, mostrando-se como uma verdadeira expressão da personalidade, o limiar entre reconhecimento e identificação é pequeno e nem sempre claro. Este limiar pode mudar com o passar dos anos e, com a natural maturidade que todos os indivíduos vão adquirindo ao longo da vida, é que o indivíduo percebe a diferença entre sentir que a persona é verdadeira e a identificação inconsciente tida anteriormente (Stein, 2006).

#### 3.3.4 *A Sombra Maligna*

Schmookler (2016), defende que enquanto se sustenta que o mal está exclusivamente do lado de fora, se está no caminho para a destruição. Se, contudo, se consegue reconhecer o mal interior, pode-se fazer as pazes com a sombra, e seguir em segurança. A sombra é composta por tudo aquilo que o indivíduo não aceita em si mesmo, seja por entendimento próprio ou por pressão externa (pais ou sociedade), e se forma majoritariamente até a primeira metade da vida. Contudo, alguns conteúdos podem ser tão malévolos, que devem realmente permanecer lá. Ao serem reprimidas, no entanto, não necessariamente cessam de agir. Podem não existir como comportamentos visíveis, mas continuam a agir como complexos (Whitmont, 2016).

Todos os indivíduos portam uma sombra maligna e benigna ao mesmo tempo. Coisas boas e ruins se misturam, como uma amálgama, tendo, potencialmente, força destruidora e criadora (Stein, 2006). Quando, contudo, não houve uma mínima estruturação da psique, seja devido a alguma cisão posterior (trauma), seja por negligência dos pais, pode não haver uma correta repressão, possibilitando ao sujeito uma certa identificação com seu lado negativo, sua sombra maligna, explicando muitos casos de delinquência e psicopatia (Santos, 1976).

Se há algo tão ruim dentro de si, é natural que não se queira encontrar com esta parte, gerando no indivíduo medo ou, no mínimo, receio, tanto pessoal quanto em relação à receptividade social (Hollis, 2010). Contudo, ao ser renegada, esta se torna também maligna, pois, como complexo autônomo, quer ter voz, revelando o motivo pelo qual o destino de um indivíduo é sempre moldado pelo ponto em que reside seu medo (Jaffé citado por Stein, 1998). Assim, ao não ser visitada, permanece fragmentada, ganhando força, interagindo e ligando-se no inesperado, podendo reintegrar a realidade psíquica consciente de maneira autônoma (Jung, 2013b).

Embora seja possível que o mal sombrio se transforme em bem, não se pode deixar de lado a visão de que isto é uma das possíveis hipóteses. A maneira como cada um irá lidar com este “adversário” para que este não seja destruído é vital no processo, pois o excesso de moralidade fortalece o mal interior, e pouca moralidade promove uma dissociação entre bem e mal. Apesar de não haverem fórmulas, deve-se sempre avaliar se a voz interior é maligna ou benigna, podendo causar a dissolução da personalidade ou uma orientação ao caminho da sabedoria (Frey-Rohn, 2016).

A consciência da sombra é essencial para que esta não se torne maligna, ainda que esta jornada desafie os mais altos esforços da consciência. Significa, assim, que o indivíduo deva estar dolorosamente consciente daquilo que faz e o que acontece consigo. Ainda que possa parecer fácil, se torna, inevitavelmente, um desafio moral, pois a sombra sempre conterà os valores que o ego havia rejeitado. Se o sujeito sai fortalecido deste encontro, que ocorre muitas vezes em sua vida, ganha a capacidade de avaliar com mais exatidão seu efeito sobre o outro, bem como suas projeções, conseguindo, inclusive, recolhê-las eventualmente (Frey-Rohn, 2016).

Por outro lado, o indivíduo tomado por sua sombra pode acabar por agir de maneira física, fazendo com que este complexo perca sua manifestação simbólica e passe para a atuação. A esta altura, pode ser tarde demais para que se possa fazer algo a respeito, pois já abraçou seu lado negativo, selando seu destino em um ato, como, por exemplo, Macbeth, que comete o terrível homicídio (Zweig & Abrams, 2016; Shakespeare, 2000).

### **3.4 Integrando os Opostos**

Como já dito, a teoria psicológica de Carl Gustav Jung é baseada em opostos, não de maneira simplista, mas complementar. Esta característica dá um tom paradoxal à teoria, sempre amparado no equilíbrio das diferentes forças, não em sua homeostase completa mas em uma integração (Stein, 2006).

Essa interação entre polaridades ocorre como uma das primeiras experiências com as quais o ser humano foi confrontado, milhares de anos atrás, com temas como vida e morte, bem e mal, luz e a sombra, entre outros. Na psicologia analítica, a referência a esses opostos, destaca o quão patológico pode ser para uma pessoa, ou até mesmo sociedade, que se mantenha polarizada em um dos extremos. Mas, para o processo de individuação, não é a polarização patológica que aparece como uma possibilidade, mas a alternativa de integração de tais opostos, sombra e persona, na consciência. Este processo é também denominado *coniunctio oppositorum* (união de opostos), geralmente representada na alquimia antiga como casamento ou acasalamento de seres opostos (Ramírez Gómez, 2014).

A integração destes opostos, sombra e persona, irá passar por uma aceitação de si mesmo, sobretudo daquelas áreas ou partes que não condizem com a imagem produzida pela persona, a qual é, usualmente, uma imagem refletida de uma certa norma cultural. Embora existam partes ruins e destrutivas na sombra, seu conteúdo não é maligno com frequência, mas está diretamente associado com uma vergonha, uma não-conformidade ao ego. Ainda que haja o trabalho psicológico, sempre se estará dentro dos espectros de sombra e de persona, mas seria importante não estar em um ou em outro extremo destes (Stein, 2006).

Da tensão gerada entre os complexos opostos, deverá haver uma terceira instância, que faça a mediação deste encontro. Esta integração e mediação é feita, normalmente, pelo ego, desde que este possa livrar-se de ambos, sombra e persona, e consiga criar espaço para que o inconsciente possa oferecer um novo símbolo, um novo movimento, que contere algo de ambos, dando ao ego uma opção mais sólida de atuação. Isto será visível no paciente quando este desenvolver uma persona mais condizente, estável, frente às mesmas situações que enfrentou anteriormente (Stein, 2006).

Como forma de viabilizar este encontro, alguns terapeutas utilizam uma técnica de terapia com máscaras, unindo psicologia junguiana com uma espécie de psicodrama, em que o sujeito é levado a criar um personagem, a sua escolha, com a qual possa reviver alguns conflitos de sua vida. O que ocorre é que estes assuntos têm a ver com a sombra pessoal, e podem, via papel imaginário, espontâneo e criativo, trazer à tona situações que o farão conhecer melhor sua sombra. Desta maneira, o paciente ressignifica sua história de vida e compreende que sua máscara possui dois lados refletidos, um pela sombra, trazida pelo papel protagonizado, e outro pela luz, como possibilidade de tornar consciente o que estava oculto (Oliveira, 2013).

A partir desta síntese, há a alternativa de que surja uma nova luz, que conduz o indivíduo que tenha empenhado esta jornada para possibilidades psíquicas antes desconhecidas ou ignoradas, formando algo como uma nova base para um futuro 'eu' (Sá &

Fernandes, 2016). De tal maneira, confrontar uma pessoa com sua sombra é, paradoxalmente, mostrar a ela sua própria luz. A experiência psíquica verdadeira, ou seja, este confronto honesto, e na medida do possível consciente, é o que possibilita, pelo menos ao indivíduo que sofre, a superação, e posterior integração, da dicotomia entre o bem e o mal e, portanto, um encaminhamento concebível para o conflito (Carvalho & Freire, 2019).

## MÉTODO

### 4.1 Delineamento

O presente trabalho seguiu um delineamento de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo.

Segundo Gil (2008), uma pesquisa qualitativa é aquela em que não se pode utilizar os procedimentos de quantificação, ou seja, na qual os procedimentos analíticos não podem ser definidos previamente, pois a análise depende da capacidade e estilo do pesquisador, sendo fundamental o elemento humano.

Miles e Huberman (citados em Gil, 2008) apresentam três etapas para a análise qualitativa de dados. São elas: a) redução – seleção e simplificação dos dados obtidos, transformando os dados originais em sumários ou categorias, organizados de acordo com o tema e objetivos definidos pela pesquisa; b) apresentação – organização dos dados selecionados, possibilitando sua análise sistemática. Pode ser feita através de textos, diagramas, mapas ou matrizes. Pode-se acrescentar, nesta etapa, mais categorias percebidas; e, c) conclusão/verificação – revisão dos dados a fim de elaborar padrões, regularidades e explicações. Podem ser realizadas tantas verificações quantas forem necessárias, dando às conclusões obtidas a qualidade de serem defensáveis.

Dados os objetivos de pesquisa, sobretudo o de traçar possíveis relações entre aspectos de um funcionamento psíquico patológico com conceitos junguianos, o tipo de pesquisa exploratório é o que apresenta maior aderência, pois, segundo Gil (2008), esta tem o objetivo de proporcionar uma visão geral, aproximativa, de um certo fato, sendo de maior complexidade elaborar sobre este tema hipóteses precisas e totalmente operacionalizáveis.

Ainda foi utilizada uma leitura interpretativa, possibilitando estabelecer relações entre o conteúdo das fontes pesquisadas e o artefato cultural escolhido, concedendo um alcance mais amplo do que a mera leitura (Gil, 2008).

### 4.2 Fontes

Para a análise deste trabalho foi utilizado o artefato cultural cinematográfico *Coringa*, produzido pela Warner Bros Pictures e dirigido por Todd Phillips, em 2019, nos Estados Unidos.

O filme conta a história de Arthur Fleck, um homem, aparentemente, de meia idade, que trabalha como palhaço no Haha's, empresa de animadores de festas. Arthur reside com sua mãe, Penny Fleck, que demonstra ter uma saúde frágil e nenhuma relação social que não seja com o filho. Arthur demonstra, no início da trama, ter cuidado e carinho com esta

relação, deixando-a livre de preocupações financeiras, apesar de enfrentar visível dificuldade.

Arthur tem poucos amigos, e estes estão limitados ao convívio do trabalho, tendo uma vida social praticamente nula, devotando-se ao cuidado de sua mãe. Ela lhe chama de “*Happy*”- Feliz, em tradução livre – e diz que ele deve sempre manter um sorriso no rosto, mantra que Arthur retoma em diversos momentos de sua vida, crendo que deve estar sempre feliz e alegre. O protagonista tem uma condição médica, que o faz rir de maneira descontrolada em situações de pressão emocional. Estas risadas, explica ele em um cartão que carrega consigo, não condiz com suas emoções para aquele momento.

Arthur faz acompanhamento com uma assistente social, o que lhe dá acesso aos medicamentos que precisa para dar conta de seu quadro clínico. A assistente social solicita que Arthur anote seus pensamentos em um caderno, como um diário, e os traga para as sessões. Ele usa o caderno para este fim, mas também para anotar suas piadas e pensamentos engraçados, servindo como um confidente que carrega para todos os lugares. Em dado momento, essas sessões são suspensas, deixando Arthur sem suas medicações.

Além de palhaço de animação e festas, emprego que perde com o tempo, Arthur quer ser comediante. É possível acompanhar sua estreia em um show de humor *stand up*, que mais tarde é revelada, por Murray Franklin em seu programa de rede nacional – programa de TV preferido de Arthur e sua mãe - que as piadas contadas por ele são sem graça ou até mesmo sarcásticas. Ainda sobre sua carreira, sua mãe questiona o filho se ele irá conseguir se dar bem, pois ela entende que para ser comediante, precisaria ser engraçado, percebendo que seu filho não tem este perfil.

Em dado momento, Arthur, que não costuma reagir às agressões físicas e verbais que recebe, se defende de três homens que o agridem em um metrô, assassinando-os a tiros. Com isto, Arthur, ao invés de sentir culpa ou medo, sente-se bem, demonstrando através de uma dança sua naturalidade, a até satisfação, com o fato ocorrido. Mais ao final da trama, o personagem também faz uma dança, nas escadarias que antes subira cabisbaixo e abúlico, mas esta última aberta ao público que pode passar na rua, em contrapartida da primeira, sozinho e fechado em um banheiro.

Com o passar da trama, ele descobre, ainda, que é filho adotivo de sua mãe, e que sofreu maus tratos quando criança, em função da condição psíquica dela, também doente. Ao se deparar com esta verdade, até então escondida, decide por matar sua mãe, hospitalizada, hostilizando-a momentos antes. Arthur ainda assassina seu ex-colega de trabalho, demonstrando que não importam-lhe os vínculos ou os padrões sociais, mas apenas seu momento de vingança.

Conforme o filme tem seu andamento, o espectador vai notando a mudança de atitude e de energia do protagonista, e vai acompanhando sua transformação de Arthur Fleck em Coringa.

Pode-se entender que o filme serviu para exemplificar, a partir de uma análise, aspectos de sombra e persona apresentados no referencial teórico, sendo conceitos de grande utilidade para o entendimento prático da teoria junguiana. Desta maneira, o artefato cultural cinematográfico escolhido se constituiu como um componente fundamental de harmonização, que, literalmente, projeta de maneira lúcida sobre a tela a profunda teoria desenvolvida por Carl Gustav Jung.

### **4.3 Instrumentos**

A técnica utilizada para a coleta de dados e sua forma de organização foi em forma de tabelas. Esta terá uma estrutura em que mostrará o nome da cena, sua descrição e a categoria a qual ela pertence, situando o leitor e aproximando a fonte escolhida da pesquisa realizada. As cenas foram escolhidas a partir da relevância potencial que demonstraram ter para a solução dos objetivos propostos.

As tabelas são ferramentas que podem ilustrar de maneira simples o processo de apresentação dos resultados da revisão, apresentando de maneira de fácil e destacada os principais dados. Estas devem aparecer de forma simples e clara, facilitando a compreensão por parte do leitor e, assim, justificando sua inserção no texto (Koller, Couto & Von Hohendorff, 2014).

### **4.4 Procedimentos**

Os procedimentos para a construção do presente trabalho abarcaram desde a escolha da temática a ser desenvolvida, até a escolha da fonte, o filme Coringa. Para a construção da revisão de literatura, utilizou-se eminentemente livros clássicos da psicologia junguiana, escritos pelo próprio Jung, descritores que seguiram sua teoria, como Murray Stein, James Hollis, Raphael López-Pedraza, John Campbell, Robert Bly, entre outros. Ainda foram usados artigos científicos, retirados majoritariamente dos sites [www.scielo.br](http://www.scielo.br) e [www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br). Os principais descritores utilizados na pesquisa foram: sombra e persona, psicologia junguiana, Jung, individuação junguiana, sombra e persona na individuação junguiana. Posteriormente, se assistiu o filme várias vezes, para realizar recortes da obra como forma de entender de maneira prática alguns aspectos da teoria apresentada, tendo sido elencadas as categorias e suas respectivas análises.

Desde o início das primeiras ideias sobre o tema, o filme se apresentou com um encaixe muito propício ao assunto proposto, pois trata de maneira muito visível sobre persona, a máscara do palhaço, chamado por sua mãe de *Happy* (feliz, em tradução livre), e sua sombra, o nefasto assassino.

Com isto, após assistir diversas vezes a obra, entendeu-se ser possível realizar alguma ponte entre teoria e prática, entre o que Jung descreveu em seus estudos sobre a psique e a realidade do personagem. Isto possibilitou desenhar categorias de análise, que, com os recortes feitos, puderam ser tabuladas e levadas a algumas considerações, nunca exauridas em totalidade, mas repleta de informações, permitindo ao leitor uma abrangência dos conceitos.

#### 4.5 Referencial de Análise

Referencial de análise é o ato de reconhecer o essencial de um material, estudando de maneira detalhada o conteúdo, procurando seu sentido e captando as intenções, comparando, avaliando e descartando o acessório, ou seja, “desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (Laville & Dionne, 1999, p. 214).

Desta maneira, o pesquisador pode abordar diversos materiais e uma grande diversidade de objetos de investigação, iniciando por coletar e organizar o material coletado, orientando-se pelo problema de pesquisa e deixando-se guiar pelo próprio material selecionado (Laville & Dionne, 1999).

Apesar de não haverem fases específicas, como em uma receita, normalmente há uma certa sequência para a construção, ou reconstrução, do sentido do conteúdo selecionado. Como um próximo passo, veio a decomposição do material, a fim de extrair melhor seu significado, seguindo-se o recorte e agrupamento dos elementos em categorias, para classificação, análises e conclusões (Laville & Dionne, 1999).

No caso do presente trabalho, o agrupamento dos elementos em categorias foi feito *a posteriori*, seguindo o modelo aberto. Neste modo de categorização, os agrupamentos não são fixados no início, mas tomaram forma no decorrer da análise, dado seu caráter exploratório (Laville & Dionne, 1999).

Ainda foi utilizada a estratégia de emparelhamento, mais voltada à análise dos dados de maneira a preservar as nuances de sentido que permite este tipo de análise. O emparelhamento consistiu em associar os dados recolhidos no referencial teórico, no caso a teoria junguiana, e compará-los com a fonte, neste estudo com o artefato cultural cinematográfico, buscando neste último o reflexo do primeiro (Laville & Dionne, 1999).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Recorte de Cenas e Categorias de Análise

Segue abaixo a tabela com os recortes das cenas a serem discutidas posteriormente, bem como as categorias de análise.

Tabela 1

*Descrição das Cenas e Categorias de Análise*

Cena	Descrição	Categoria
A	Dois detetives vêm falar com Arthur sobre os assassinatos que aconteceram no metrô, enquanto Arthur fuma em uma área externa do hospital em que sua mãe está internada. Eles lhe disseram que falaram com seu chefe, no "Haha's" e que este comentou que Arthur havia sido despedido por ter levado uma arma para dentro de um hospital infantil. Ao ser questionado se era verdade, Arthur responde que era um adereço, que faz parte do show e que é palhaço de festa. Com esta resposta, os detetives questionam o motivo pelo qual ele foi despedido, ao que Arthur, se levantando e jogando seu cigarro fora, responde que ele foi demitido por não ser engraçado.	1) Contextualização
B	Arthur está em um ônibus, retornando para sua casa. Ao ver uma criança, faz caretas e brincadeiras com este, enquanto o menino ri. Sua mãe diz para Arthur parar de perturbar seu filho. Arthur tenta explicar que não estava perturbando, mas a mulher fala de maneira rude: Pare! Com isto, Arthur tem um ataque de risadas de maneira descontrolada. A mulher pergunta se ele acha engraçado e ele sinaliza com a cabeça que não, apesar de sua risada. Arthur, então, lhe entrega um cartão com os dizeres: "Desculpe minha risada: tenho um problema. É uma condição médica que causa uma risada imediata, frequente e incontrolável, não compatível com o	1) Contextualização

sentimento. Pode acontecer em pessoas com dano cerebral ou com certas condições neurológicas. Obrigado!".

C Arthur chega em casa e ouve-se a voz de sua mãe perguntando-lhe se ele checou a caixa de correspondências antes de subir, enquanto este tira a jaqueta. Ele responde que sim, mas que não havia nada. Arthur pega alguns medicamentos, comprados anteriormente, que não ficam claro se são para ele ou para sua mãe. Ele leva uma bandeja com um prato de comida para sua mãe, que está na cama assistindo ao noticiário. Ela lhe diz que ele (Thomas Wayne) não deve estar recebendo as cartas. Arthur, ao cortar algo no prato diz que é Thomas Wayne, um homem ocupado, enquanto senta em um sofá, ao lado da cama. Sua mãe lhe diz que ela trabalhou para aquela família por anos, e o mínimo que ele poderia fazer seria responder. Arthur lhe diz para não ficar agitada e comer, dizendo: "você precisa comer!". Sua mãe lhe responde: "Você que precisa comer. Veja como está magro!". Continua falando que Thomas será um grande prefeito, que todos dizem isto. Arthur, responde: "Ah, é? Todos quem? Com quem você anda falando?", enquanto faz uma cara com risada. "Todos no noticiário. Ele é o único que pode salvar a cidade. Ele deve isto para nós." - responde ela. Nisto começa a vinheta do programa de Murray Franklin e ela diz para Arthur: "Venha sentar que está começando". Arthur tira os sapatos e senta-se na cama ao lado dela.

1)  
Contextualização

D Após descobrir que sua mãe ficou um tempo internada em um hospital psiquiátrico, Arthur vai até a instituição e de posse da ficha de sua mãe lê as seguintes informações: "Secretaria de Saúde de Gotham. Pedido de proteção para reportes de abuso ou negligência. Departamento Psiquiátrico. Avaliação: Penny Fleck. Comportamento extremamente bizarro. Abuso físico. Pedido de adoção de criança. Nome completo da criança: desconhecido (criança abandonada)." neste

1)  
Contextualização

momento, Arthur pensa em como aconteceu a cena de interrogatório do médico que a atendeu com sua mãe, enquanto ri e lê alguns recortes de jornal que estão na pasta que está em suas mãos. Os recortes de jornal dizem: "Mãe permitiu maus tratos ao filho adotivo", "Casa do terror para uma mãe e seu filho". Conforme lê, sua risada aumenta de intensidade. A cena muda para a imagem que Arthur está imaginando da conversa entre sua mãe internada e o médico, quando este diz: "Penny, seu filho foi encontrado amarrado a um radiador, no seu apartamento imundo. Malnutrido, com múltiplas escoriações pelo corpo e trauma severo na cabeça". "Eu nunca o ouvi chorar. Ele sempre foi um garotinho tão feliz.". Neste momento a cena volta para Arthur, que está rindo descontroladamente, misturado com um choro, encostado na parede de uma escadaria.

E A campanha de seu apartamento toca e Arthur vai atender. É sua vizinha, que o questiona se ele estava a seguindo naquele dia. Ele responde que sim, e ela diz que achou que ele iria entrar no seu trabalho e assaltar. Arthur dá um sorriso e diz que tem uma arma, que pode passar lá amanhã. Ela dá uma risada e diz que ele é muito engraçado. Arthur dá uma risada e diz que é comediante, convidando-a para assistir a um show seu a qualquer hora. Ela lhe responde que pode ser que ela vá, e pede para ele avisar quando tiver, já saindo da porta do apartamento de Arthur. Contudo, posteriormente se descobre que a cena é um delírio de Arthur, e, assim como outras cenas, mostra ele conversando sozinho.

F Arthur está conversando com a assistente social, com voz baixa e segura, e lhe diz que até bem pouco tempo atrás era como se ninguém o visse, nem que ele sabia se realmente existia. A assistente social o interrompe dizendo que tem uma notícia ruim para lhe dar, mas ele a responde: "Você não me ouve, não é?" Neste momento, ela faz uma cara de surpresa,

1)  
Contextualização

2)  
Não  
reconhecimento da  
sombra

enquanto endireita o rosto olhando fixamente para Arthur, que continua: "Acho que você nunca me escuta de verdade. Você faz as mesmas perguntas todas as semanas: 'Como vai seu trabalho? Está tendo pensamentos negativos?'. Só o que eu tenho são pensamentos negativos, mas você não ouve mesmo. Eu disse que, durante toda a minha vida, eu nem sabia se eu realmente existia. Mas eu existo! E as pessoas estão começando a se dar conta".

- Arthur conversa com a assistente social, que lhe pergunta qual a sensação de ir nas sessões, se ajuda ter alguém para conversar. Arthur responde: "Acho que eu me sentia melhor quando estava preso no sanatório". A AS lhe pergunta se ele pensou mais sobre o motivo pelo qual ele foi preso. A cena muda para o que parece ser uma lembrança de Arthur, em que aparece ele batendo com força a cabeça no vidro da porta de uma sala de tijolos brancos escrita "Sala de observação".
- G "Quem sabe?" ele responde, fazendo uma pausa. Arthur pede para a AS se ela pode pedir para o médico lhe aumentar a medicação, recebendo a resposta de que toma sete diferentes medicações, que elas devem estar fazendo algum efeito. Arthur, em silêncio e olhando fixamente para a AS diz: "só não quero mais me sentir tão mal". \*considerar tradução da palavra '*bad*' com duplo sentido no idioma original (mal e mau).
- Ainda imaginando estar no programa, diz: "minha mãe diz que eu fui colocado neste mundo para espalhar alegria e risadas". Assim que termina sua fala, é aplaudido pelo auditório.
- H
- I Arthur está no hospital, com sua mãe, e aparece na TV, no programa de Murray Franklin, em seu show de estreia de comédia stand up, em que ele diz: "É engraçado! Quando eu
- 2)  
Não  
reconhecimento da  
sombra
- 2)  
Não  
reconhecimento da  
sombra
- 2)  
Não  
reconhecimento da  
sombra

era criança e dizia para as pessoas que queria ser comediante, todos riam de mim. Bom, ninguém está rindo agora!".

J Arthur está distraído algumas crianças, no hospital, dançando e cantando a música "Se você está feliz". As crianças estão batendo palmas e cantando com ele, sentadas em suas cadeiras ou leitos. Na parte da música que diz "Se você está contente bata os pés", Arthur bate com o pé no chão, e sua arma cai, à vista de todos. Ele tenta rapidamente pegá-la, mas bate com o pé, empurrando a arma para frente. Quando consegue pegar, esconde-a rapidamente e dá um sorriso para uma das crianças, colocando seu dedo indicador na frente dos lábios (fazendo sinal de silêncio).

2)  
Não  
reconhecimento da  
sombra

K Arthur mostra seu caderno para a assistente social, dizendo que está usando-o como diário, mas também para anotar suas piadas, pensamentos engraçados ou observações. Enquanto ela folheia o caderno, Arthur conta que está tentando uma carreira de comédia *stand up*. A imagem foca no caderno, no qual se pode ver escritos com caneta preta, com uma letra disforme, imagens de mulheres nuas, além de desenhos de caveira e partes com rabiscos intensos, também em caneta preta. Também se pode notar, ao longo do filme, outras cenas em que o caderno é focado, sempre mostrando estes mesmos aspectos. (na conversa com a assistente social, na sua estreia como comediante, no programa de Murray, etc).

2)  
Não  
reconhecimento da  
sombra

L Arthur está se maquiando, na frente de um espelho enquanto o rádio dá algumas notícias sobre a situação da cidade. A câmera foca no rosto de Arthur enquanto este faz uma expressão facial de tristeza, colocando o canto dos lábios para baixo (o contrário de um sorriso). Em seguida, dá um sorriso, ainda olhando para o espelho. Após voltar sua expressão ao normal, coloca os dedos indicadores, um em cada canto da boca, puxando-os para cima, forçando alternadamente para

3)  
Identificação com a  
persona

cima e para baixo com as mãos. Enquanto uma lágrima escorre pelo seu rosto, Arthur usa de bastante força para manter um sorriso (ainda com os dedos), soltando os lábios de maneira brusca, mantendo um olhar vago para o espelho.

M Arthur se imagina no programa com Murray Franklin, em que este o chama da plateia e pede para que fique em pé. Murray pergunta seu nome e Arthur responde. Murray diz que ele tem algo de especial, e logo pergunta de onde ele é. Arthur responde que ele é da cidade e que ele reside com sua mãe. A plateia ri. Murray diz que não há nada de engraçado com isto que o pai dele também "saiu para comprar cigarros e nunca mais voltou". Arthur diz que sabe como é isto, que é o homem da casa desde sempre, e que cuida muito bem da sua mãe. Ouve-se os aplausos da plateia. Murray diz que por conta de todo este sacrifício ela (mãe) deve lhe amar muito. Arthur responde que sim, e que ela sempre diz para que ele sorria e coloque sempre um rosto feliz.

3)  
Identificação com a  
persona

N Arthur está conversando com seu chefe, e este diz que gosta dele e do seu trabalho, mas que recebeu uma nova queixa, que desapareceu do local de trabalho e que não devolveu a placa da loja. Arthur diz que isto aconteceu porque foi atacado. Seu chefe lhe diz que não faz sentido, que ninguém o roubaria por causa de uma placa, e ordena que ele devolva ou que será descontado de seu salário. Seu chefe continua falando, mas sua voz vai diminuindo, a música aumentando e a câmera vai focando no rosto de Arthur que vai forçando um sorriso conforme escuta seu chefe, cuja voz vai desaparecendo em meio à música.

3)  
Identificação com a  
persona

O Arthur está no palco de um local de shows de comédia, lugar no qual já esteve antes. Esta é sua estreia como comediante e ele tem dificuldade em se apresentar, dizendo um 'oi' sussurrado, quase sem voz. Imediatamente começa a rir,

3)  
Identificação com a  
persona

demonstrando seu nervosismo. Consegue, enquanto ri, dizer: "Olá! É bom estar aqui". Imediatamente se vira de costas para a plateia, se abaixa colocando a mão no joelho e tentando tapar sua boca. Ainda engasgado em função de sua risada, vai se voltando novamente ao público, tentando falar alguma coisa, mas novamente se engasga com a risada. Ainda rindo, inicia uma piada: "Eu detestava a escola quando era criança" e interrompe sua fala para rir, cruzando os braços sobre a boca, numa tentativa de abafá-la. Novamente se engasga, recompondo-se em seguida. Ainda rindo um pouco, recomeça: "Eu detestava a escola quando era criança. Minha mãe dizia: 'Você devia aproveitar! Um dia, vai ter que trabalhar para viver!' (afinando sua voz para imitar sua mãe). Não, não vou, mãe... eu vou ser comediante!" dando uma longa risada, sem que se escute a risada da plateia.

Arthur vai até a casa de Thomas Wayne, e enxerga, da calçada, seu filho, Bruce Wayne. Quando Bruce o vê, ele se abaixa e sobe novamente com um nariz de palhaço. Começa a caminhar olhando para o menino, e dando um sorriso. Bruce, que está em um playground de madeira, desce pelo corrimão, e vai seguindo Arthur até chegar no portão da casa. No portão, Arthur está fazendo pose e jeito de andar de seu personagem de palhaço, e está com uma varinha de mágica na mão. Arthur faz uma apresentação de mágica, com trejeitos engraçados, brincando como se a varinha não funcionasse. Ele entrega a varinha para Bruce, ela perde sua rigidez. Bruce entrega de volta e Arthur, após pegar a varinha, faz um passo de dança, cantarolando algo, finalizando sua dança ao retirar um ramalhete de flores de dentro da varinha. Arthur se ajoelha, pede o nome do menino, e, após obter a resposta, também fala seu nome. Em seguida, coloca os dois dedões dentro da boca do menino, forçando os lábios para cima, dizendo: "Assim está melhor!".

3)

Identificação com a  
persona

P

- Arthur está no metro, e três homens estão perguntando o motivo pelo qual ele está rindo (distúrbio). Ele não consegue responder, em função da risada, e um dos homens rouba sua sacola. Arthur tenta levantar para pegar a sacola, mas um segundo homem o segura pelas costas. Ele tenta se defender com chutes, mas o homem que lhe tirou a sacola lhe dá um soco, momento em que Arthur cai no chão. Os três homens o chutam, enquanto Arthur parece não se defender mais. De repente, ele dá um tiro em um dos homens, e logo em seguida no segundo. Enquanto o terceiro corre, Arthur atira pelas costas, atingindo sua perna. Este terceiro homem sai correndo, sangrando, pelos vagões, pedindo ajuda. O trem para em uma estação e o homem ferido espera até o último segundo para sair do trem, mas Arthur o persegue empunhando a arma, dando mais um tiro. O homem cai e vai se arrastando pelo chão até uma escadaria, e quando Arthur chega bem perto, o assassina com três tiros.
- Q 4) Sombra maligna
- Após assassinar os três homens no metrô, Arthur sobe a escada correndo, e mantém sua corrida pela rua até que entra em um banheiro público, segurando a porta com as mãos enquanto respira de maneira ofegante. Aos poucos, Arthur vai movendo os pés, formando uma espécie de passo de dança, logo envolvendo todo seu corpo em um movimento que difere muito de seus movimentos regulares.
- R 4) Sombra maligna
- Arthur está no hospital, sentado em um sofá, ao lado da cama de sua mãe, fumando um cigarro. Diz: "Oi, Penny! Penny Fleck. Eu sempre detestei este nome. Lembra que você costumava me dizer que minha risada era um distúrbio? E que tinha algo errado comigo? Não tem. Eu sou assim mesmo". Sua mãe responde: "Feliz!". Ele continua: "Feliz... eu não fui feliz um minuto sequer, em toda minha vida desgraçada. Sabe o que é engraçado?" - enquanto apaga seu cigarro no chão - "Sabe o que realmente me faz rir? Eu achava que minha vida
- S 4) Sombra maligna

era uma tragédia" - tirando bruscamente o travesseiro que sua mãe estava usando - "Mas agora eu entendo que é uma comédia!", enquanto coloca o travesseiro no rosto de sua mãe, pressionando até sufocá-la até a morte ao mesmo tempo que se ouve ela se debatendo na cama.

T Arthur está fugindo dos policiais, dentro de um trem, usando uma máscara de palhaço roubada de um passageiro. O policial, sem querer atira em um outro passageiro que tenta pegar sua arma, gerando uma retaliação contra os dois policiais, e permitindo que Arthur fuja ileso do trem. Com o trem parado, os policiais são expulsos, e a multidão está batendo neles. Arthur sai por outra porta, olha para os policiais apanhando, tira a máscara enquanto ri (não a mesma risada do seu distúrbio), faz um passo de dança, se vira e sai caminhando, deixando a máscara em uma lixeira.

4)  
Sombra maligna

U Arthur, sentado em uma poltrona, ao lado de Murray Franklin em seu programa de TV, conta uma piada, lendo-a em seu caderno: "Toc, Toc". "Quem é?", responde Murray. Arthur, então, continua: "É a polícia senhora. Seu filho foi atropelado por um bêbado. Ele está morto". E dá uma risada enquanto o público faz uma vaia em voz baixa.

4)  
Sombra maligna

## 5.2 Discussão

A primeira categoria a ser discutida refere-se à contextualização do indivíduo que serve como objeto de estudo deste trabalho, Arthur Fleck, um homem de aparente meia idade que, como descrito na cena A, trabalha como palhaço animando festas. Arthur reside com sua mãe, Penny Fleck, que trabalhou muitos anos para a família Wayne, e que escreve constantemente cartas para Thomas Wayne, solicitando sua ajuda, visto aparentar alguma fragilidade de saúde. Ambos levam uma vida simples, e têm o hábito de assistir ao *'Live! with Murray Franklin'* (Ao vivo com Murray Franklin, em tradução livre), um programa de TV, em que Murray apresenta convidados e os entrevista (Cena C).

Arthur, conforme visto na cena E, quer ser comediante, percebendo-se como engraçado e sociável, iniciando um relacionamento com sua vizinha de porta, convidando-o

para ver seu show de estreia. Contudo, com o passar da trama, o espectador percebe que isto, e outros fatos, não passam de delírios que o personagem tem, permitindo a possibilidade de interpretação acerca de sua saúde mental, podendo-se questionar o que é e o que não é real na vida de Arthur.

Ainda sobre sua saúde, a cena B informa que Arthur sofre de uma condição médica que o deixa em algumas situações embaraçosas, fazendo-o rir em situações que não são engraçadas ou alegres. Como forma de explicar esta condição, Arthur carrega consigo um pequeno cartão que explica sua doença, no qual se lê que as risadas não são compatíveis com seu sentimento. Através desta informação, pode-se pensar que Arthur revela certa incongruência entre o que ele faz e o que sente, já dando indícios de que, ainda que através de uma condição médica, pode haver algo de facetado, como partes dissociadas que não se conectam, podendo denotar uma cisão da psique (Jung, 2013b).

Outro ponto importante a conhecer sobre a vida de Arthur é que ele passa muitos anos sem saber do fato que é adotado por Penny, que sofria de algum transtorno psiquiátrico não identificado no filme. Conforme a cena D, Arthur descobre isto ao ler o prontuário de internação psiquiátrica, roubado de um atendente, no qual é relatado que sofreu maus tratos físicos. Na cena, mostra Penny relatando ao médico, naquilo que seria a imaginação de Arthur ao ler os arquivos, que ela nunca ouvia ele chorar, e que ele havia sido sempre um garotinho muito feliz. Esta última frase tende a remeter o espectador ao fato de sua mãe sempre o chamar de Feliz (do inglês ‘*Happy*’, em tradução livre), mesmo após adulto.

A segunda categoria a ser discutida refere-se ao não reconhecimento da sombra. Este não reconhecimento é o que gera no indivíduo uma dificuldade de percepção de seu lado menos positivo, menos aceito pelo meio social (Jung, 2014b), que irá fazer com que o sujeito projete para fora de si estas imperfeições, impedindo o ganho psicológico que esta ambiguidade traria, não permitindo que o indivíduo se veja e tampouco veja o outro (Whitmont, 2016).

O não reconhecimento da Sombra está diretamente relacionado com a sua projeção, pois não é percebida internamente, mas vista no outro, parecendo estar vindo de fora (Pinto, 2014). Arthur não reconhece em si mesmo este lado negativo, ou mau, levando sempre para o externo esta percepção. Na cena F, na qual Arthur está conversando com a assistente social pela segunda vez, ele diz que nem sabia se realmente existia, mas que existe, e que as pessoas estão começando a perceber. Assim como uma pessoa pode perder momentaneamente sua autonomia ao renegar sua sombra, esta pode, nestes momentos, assumir o controle, e falar pelo indivíduo, não como um outro, mas como uma parte de si mesmo, esquecida (Hollis, 2010). Sobre o fato de nunca ser visto, é possível que a parte sua que tenha trazido esta frase

para a consciência não tenha sido o ego, mas sua própria sombra, que agora aparece, mas através de seus atos mais cruéis, como os assassinatos que comete durante o desenrolar da trama, por exemplo. Na cena G, também em conversa com a assistente social, mas na primeira vez, Arthur revela que precisa aumentar sua medicação, o que lhe é negado. Ao ser questionado qual o motivo, ele responde que não quer mais se sentir tão mal. Contudo, a palavra dita é *'bad'*, que em tradução livre para o português pode tanto significar 'mau', em sentido de maligno, quanto 'mal', em sentido de sensação. Poderia se pensar que Arthur não quer mais se sentir mal, já que revela, em outro momento, que tudo que tem são pensamentos negativos. Mas, em complementação, poderia se pensar que ele não quer mais se sentir tão mau, mas não consegue reconhecer este seu lado, e por este motivo, usa uma palavra tão dúbia. Em seu lugar, poderia, por exemplo, ter usado a palavra *'ill'*, mais comumente usada para designar doença, enfermidade, aflição, desgosto, etc, ou ainda palavra *'harmed'* relacionado aquele que tem prejuízo, que está ferido, injuriado, etc. É, desta maneira, possível traçar um paralelo com o que Jung (citado em Zweig & Abrams, 2016) relata sobre as coisas que o indivíduo não consegue fazer aflorar à consciência, tornando-se estas o seu destino.

Mas o não reconhecimento da sombra pode ser algo mais profundo do que apenas a não consciência individual, tendo sua origem em questões familiares não resolvidas (Hollis, 2017). Na cena H, Arthur, ao imaginar que estava na plateia de seu programa de TV favorito "Ao vivo com Murray Franklin", diz para o próprio Murray que sua mãe sempre lhe disse que ele veio ao mundo para trazer alegria e risadas. Talvez, entre outras coisas, este seja um motivo pelo qual ele escolhe a carreira de palhaço de festas e, posteriormente, a de comediante. Ainda, na cena I, o próprio protagonista diz que quando era criança contava para os outros que gostaria de ser comediante, e que todos riam, mas que ninguém estava rindo agora, falando isto justamente em sua apresentação de estreia na carreira de comédia, deixando margem para a interpretação de que não reconhece suas próprias questões ao não perceber a contradição daquilo que está dizendo.

Pode-se perceber o quanto Arthur nega sua sombra ao, por exemplo, levar uma arma para dentro de um hospital infantil, como descrito na cena J, mantendo-a consigo enquanto brinca com as crianças. Caso necessitasse de proteção, ou apenas não quisesse deixá-la em casa, poderia ter, ao menos, guardado em suas coisas, junto com sua roupa em sua sacola. Ao invés, opta por mantê-la consigo, deixando-a cair na frente de todos. Pode-se pensar na hipótese de que o protagonista nega sua sombra por não olhar de maneira alguma para o perigo que isto poderia representar, colocando-se apenas no papel de vítima, relegando ao outro o posto de malévolo (Stein, 2006).

Outro ponto que chama a atenção, como destacado na cena K, é que Arthur tem um caderno no qual anota alguns pensamentos, usando tanto como um diário quanto para escrever suas piadas. Contudo, este caderno contém diversas fotos de mulheres nuas, além de desenhos com muitos rabiscos e caveiras. Isto poderia ser algo regular, caso ele mantivesse em sua intimidade. Mas o que ocorre é que Arthur abre, em diversos momentos, seu caderno em meio ao público, podendo dar a impressão que trata aquilo como algo normal e sem maldade. Contudo, uma outra interpretação é possível: a de que não consegue, ou não pode, reconhecer seus atos como algo mau, em uma recusa de perceber seu lado mais desprezível (Novaes, 2016), negando junto com sua sombra a possibilidade de desenvolvimento a partir do reconhecimento de suas dificuldades.

Outra categoria destacada, a terceira, é a identificação com a persona. A persona está quase que diametralmente oposta à sombra, pois é também resultado daquilo que é aprovado pelo ego, sendo a sombra o seu oposto, ou seja, aquilo que é rejeitado pelo ego. Porém, quanto mais inconsciente for o indivíduo acerca de sua persona, poderá, ao contrário da sombra, não projetá-la, mas se identificar com ela, haja visto que esta é como um representante social do que é positivo (Stein, 2006).

Quando há a identificação não positiva com a persona, é como se o indivíduo não conseguisse descolar da atuação social (Santos, 1976). Ainda que a persona seja também criada para este fim, pode acarretar ao sujeito dificuldades de reações condizentes com o momento. Como destacado na cena N, Arthur não consegue reagir adequadamente ao ser injustiçado em função de terem lhe roubado a placa, demonstrando um sorriso desproporcional, mesmo que esteja sendo criticado por algo que não fez. Aqui se pode perceber o paradoxo entre sombra e persona, podendo se criar hipóteses acerca de qual dos dois complexos o protagonista está, inconscientemente, utilizando. Quando Arthur atua sem consciência de sua persona, reagindo com a máscara do palhaço ao invés de demonstrar sua real indignação, reforça a dificuldade de viver fora dessa ilusão (Santos, 1976).

Este entendimento pode se ligar com o fato de que Arthur, quando se identifica de maneira inconsciente com a persona, torna-se um estereótipo daquilo que representa, que é, neste caso, o palhaço. Contudo, ao acreditar que é engraçado como sua persona o é, comete o deslize de contar piadas sem graça, ou sem cunho cômico, negando a realidade externa por estar preso a algo real em excesso para si mesmo. Na cena O, Arthur diz que não precisa trabalhar, porque será comediante, rindo, literalmente, sozinho de sua piada, proporcionalmente descolada do momento quanto sua persona de sua consciência, podendo irromper em um misto de fantasia, como a criança que amarra uma toalha no pescoço e acredita ser invencível (Stein, 2006).

Ao crer com tanta determinação na persona, Arthur, como destacado na cena L, ao se pintar para o trabalho utiliza-se da força de suas mãos e dedos para forçar um sorriso, ainda que lhe escorra uma lágrima do olho. A partir desta demonstração dicotômica de emoções, pode-se pensar que possa ser justamente o excesso de identificação com um personagem sempre feliz que traga a tristeza de não poder estar conectado com seu verdadeiro eu, dando à pintura no rosto o peso de indivíduo, como se, momentaneamente, trocasse o ego pela máscara, sem sua clara percepção (Oliveira, 2013).

Este mesmo fenômeno pode ser observado na cena P, em que Arthur conhece Bruce Wayne, e para ele se apresenta, não como Arthur, mas como palhaço. É como se Arthur precisasse de sua máscara para enfrentar o momento, o que poderia ser saudável, se o fizesse de maneira consciente, separando identificação de uso. Este limiar entre reconhecimento e identificação é pequeno e pode ser obtuso, sobretudo ao coagir o sujeito à adaptação social, buscando mais aceitação do que seu verdadeiro eu poderia proporcionar (Stein, 2006).

Arthur, como descrito na cena M, repete o mantra deixado por sua mãe, de que deve sempre sorrir e colocar um rosto feliz. A palavra ‘colocar’ pode gerar a interpretação de que algo é vestido, e, como é no rosto, remete à máscara. Colocar a máscara, necessário ao dia a dia de qualquer pessoa, também pressupõe tirar, o que já não condiz com a frase, visto que carrega um ‘sempre’. Sem o conhecimento mais consciente da persona, o sujeito pode identificar-se de sobremaneira, a tal ponto que viva em uma eterna atuação, encarnando a doença psíquica, tornando-a parte de si, ainda que com um sorriso no rosto (Oliveira, 2013).

Por este desfecho, se pode introduzir a quarta categoria, a sombra maligna. Em identificação excessiva com a persona, o sujeito provoca o inconsciente, e sobretudo a sombra, a reagir, fazendo-o clamar por seu lugar (Santos, 1976). Quando a sombra também está inconsciente, e por isto projetada nos outros, age no sujeito em forma de possessão, tomando o ego de maneira que este não tenha força ou estrutura suficiente para se defender, fazendo aparecer em seu lugar a sombra, agora ressentida por não receber a devida atenção (Stein, 2006).

A sombra não é maligna ou benigna em si mesma, mas pode ser qualquer um destes opostos caso não atendida ou não vista, pois agem na psique do indivíduo durante toda a vida, podendo ou não se manifestar em comportamentos (Whitmont, 2016). Arthur, como relatado na cena Q, precisa se defender de seus agressores, mas vai além, perseguindo-os mesmo após pararem de lhe agredir. Como a sombra possui características criadoras e destruidoras ao mesmo tempo, ela carrega grande quantidade de energia psíquica (Stein, 2006). Assim, quando liberada de suas amarras, libera tanto a energia que estava com ela quanto aquela que o indivíduo usa para a conter (Bly, 2016).

Após matar, Arthur assustado, corre com importante energia, e, como descrito na cena R, tranca-se sozinho, possibilitando ao espectador a hipótese de que esteja avaliando o que acabava de acontecer. Pode se considerar que este é um dos momentos mais inesperados do filme, pois ocorre o oposto do que seria uma reação comum de uma pessoa que coloca certa consciência para seus atos: Arthur inicia um passo de dança, começando pelos pés, sua base e sustentação, e seguindo pelo corpo acima, em uma série de movimentos que combinam fluidez e leveza, mas com apta precisão. Esta cena pode ser entendida como a energia psíquica, contida e continente em relação à sombra, agora liberada, em um movimento de destruição, a morte de Arthur, e de criação, o nascimento do Coringa. Este parece ser o ponto de virada, aquele em que a sombra de Arthur assume o controle, ao mesmo tempo que a consciência, ego, deixa-se levar. É o oposto do movimento de individuação saudável, em que ego, sombra e persona se aliam e se reconhecem mutuamente. O que acontece é que parece haver espaço apenas para um agente, a sombra, agora maligna.

Já no hospital, conforme a cena S, Arthur/Coringa ouve novamente sua mãe lhe chamando de Feliz, mas desta vez a interrompendo firmemente. Consegue, agora, dizer que nunca foi feliz, mas que sempre teve uma vida desgraçada. Quando a sombra é renegada, torna-se maligna, dando o desfecho pelo exato caminho em que reside seu receio, o de não ser feliz (Jaffé citado por Stein, 1998). Ao renegar sua sombra e identificar-se em excesso com a persona, não se permite ver as contradições de sua vida, buscando o feliz, o palhaço e o sorriso a todo momento, ainda que isto esteja em total desacordo com todas as situações vivenciadas por ele. Após o rompimento de sua sombra, pode enxergar, mas acaba por atuar de maneira ainda facetada, sem integrar a realidade psíquica, mas vivendo-a a partir de uma única instância, a sombra, matando tudo aquilo que antes importava, personificado por sua mãe, que agoniza sufocada até a morte.

Ainda, ao perceber que sua mãe não lhe disse a verdade sobre seu passado, Arthur/Coringa não passa para o luto, ou seja, para o sofrimento interior com sua perda, mas para a raiva direcionada, neste caso para sua mãe, sem perceber seus sentimentos ou, o pior, o próprio mal em si mesmo. A individuação pressupõe a integração, iniciando pelo reconhecimento de seu lado perverso, a contenção de suas atitudes malignas pelo ego e finalizando em um terceiro símbolo, unificador. Mesmo que não se trate de um processo tranquilo de incubação e crescimento, pelo contrário, de um árduo conflito entre opostos, o que se ganha assumindo esta tarefa é a coragem e o conhecimento adquirido com esta experiência do encontro entre consciente e inconsciente (Stein, 2006).

Assumindo e se identificando com seu lado maligno (Santos, 1976), Arthur/Coringa, como descrito na cena U, conta piadas que não se identificam com qualquer

valor social ou pessoal positivo, rindo de algo que somente a parte mais profunda e perversa da sombra individual riria. Ao fazer graça com o atropelamento de uma criança, e o aviso acerca disto para sua mãe, permite a interpretação de que o órfão foi entregue ao seu terrível destino, morrendo, com o riso do outro, para o mundo, culminando o deixar de existir enquanto simplicidade, espontaneidade e liberdade, características de uma criança saudável, para viver na prisão que será sua vida, agora dominada pela sombra. Para von Franz (2008), o processo de individuação só é real se o indivíduo estiver consciente deste movimento, mantendo uma vívida ligação com ele.

Abraçando seu lado negativo também abraça a atuação física, real, em detrimento de alguma atuação simbólica, sempre necessária ao bom desenvolvimento psíquico (Zweig & Abrams, 2016; Shakespeare, 2000). Na cena T, Arthur/Coringa pega uma máscara de algum desconhecido no trem, uma de palhaço, para se misturar na multidão e fugir da polícia. Mas assim que a usa para seu nefasto objetivo, a joga fora em uma lixeira qualquer, pois já não há mais uma identificação com a persona como anteriormente, e tampouco negação da sombra, pois o desfecho foi a tomada de poder pela sombra maligna. Pode-se pensar que a partir deste momento, a máscara do palhaço, ou a pintura no rosto, não tem mais papel de proteção ou de antagonismo à sombra, mas é incorporada por esta, ao invés de integrada.

O desfecho poderia ter sido diferente para Arthur, caso seu processo de integração psíquica fosse pela união destes opostos, gerando a criação de um novo ser (Ramírez Gómez, 2014). Ao invés, em sua dificuldade nata ou adquirida, não possibilitou ver-se a si mesmo e nem ao outro, mantendo sujas as lentes de seu óculos, deixando em segundo plano seu próprio processo de individuação (Whitmont, 2016). Tal que

em algum lugar no aspecto mais profundo de nós mesmos, em geral sabemos aonde ir e o que fazer. Mas há ocasiões em que o palhaço que chamamos de “eu” age de modo tão irrefletido que a voz interior não consegue se deixar ouvir (von Franz, 2008, p. 233).

Portando, pode-se pensar que Arthur, semelhante a muitas pessoas, não conseguiu dar conta do processo de integração de sua psique, deixando-a dividida, cismada, permitindo que um dos lados assumisse o controle, impedindo, de certa maneira, o conflito entre os opostos, que justamente são os geradores de movimento psíquico, e, por consequência, de desenvolvimento. Sua individuação, desta maneira, não se concretiza, pois ainda que seja único enquanto ser, deixa de lado a amálgama da integração pela polarização de um dos lados (Stein, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia junguiana pode ser uma fonte muito rica de informações acerca do funcionamento psíquico humano, marcando sempre a dualidade como ponto principal, jogando para o indivíduo a tarefa de constituir o equilíbrio entre as partes conflitantes da psique, como a persona e a sombra. Este movimento pode ser associado ao corpo, como a inspiração e expiração, a sístole e a diástole, em que nenhum é mais importante que o outro, mas complementares e necessários, apesar de diametralmente opostos.

Este equilíbrio, que em diferentes medidas se busca, é dado, dentro da teoria escolhida, pela integração destes opostos, resultando em uma terceira saída, uma criação gerada pelo movimento psíquico, que é o novo dentro de cada indivíduo. Quando isto ocorre de maneira saudável, apesar de dolorida, visto que pressupõe uma destruição anterior, permite ao sujeito uma individuação, em que este se diferencia do todo, tornando-se único, para poder voltar ao todo, compondo-o de maneira única, mantendo a consonância consigo mesmo e com o meio.

Contudo, quando não se consegue chegar a este consenso psíquico, o que em certa medida acontece com todas as pessoas, a consciência não toma sua parte de energia psíquica a pleno, podendo deixar-se levar pelos outros atores, protagonistas ou coadjuvantes, do cenário interno. Com isto, perde o indivíduo e perde o meio em que vive, como se fosse levado por uma onda sem que se possa nadar nela, rolando em meio a alguns, mas vitais, respiros.

Ao analisar os temas de persona e sombra neste movimento da individuação, se pode ter uma ideia pequena das possibilidades que o ser humano tem de sair de sua rota, perdendo-se na tempestade. Ainda que estes sejam apenas dois dos muitos complexos psíquicos existentes, esta díade representa grande parte dos conflitos emocionais de cada pessoa, sendo de suma importância o entendimento de suas dinâmicas, das quais algumas foram apresentadas neste trabalho.

Não há a pretensão de exaurir o tema, visto sua vastidão, mas a de dar ao leitor uma pequena amostra da profundidade e da beleza da teoria junguiana, alinhando teoria e artefato de maneira que mais facilmente se possa compreender os pontos apresentados. Dentro desta ideia de apresentação, e não de fechamento do tema, considera-se atingido o objetivo de identificar alguns das possíveis implicações psíquicas do não reconhecimento da sombra e persona no processo de individuação de um sujeito.

Ainda que Arthur possa estar acometido por importantes questões médicas e traumas de infância, sua trajetória psíquica mostra a importância de manter não somente o

equilíbrio entre sombra e persona, visto que o balanço puro e simples pode afetar significativamente este jogo, mas uma integração destes, que exige reconhecimento, obliteração, escolhas e (re)criações. Através da discussão dos resultados, pode-se perceber que o protagonista do artefato escolhido não consegue fazer este movimento, deixando-se levar ora por sua persona, o palhaço, e ora por sua sombra, Coringa, deixando o ego restringido, sufocado, enfraquecido, resultando em uma espécie de rendição.

Trabalhar com estes assuntos em um trabalho final é, para mim, algo de muito valioso, pois culmina, ao mesmo tempo, em uma simbólica finalização de etapa na qual pude consolidar um conhecimento acerca do tema que tanto gosto, e em uma abertura ao próximo passo, ainda incipiente e vasto, que irá se consolidando com o caminhar da prática clínica. Há um certo tempo que leio e me dedico aos estudos da psicologia junguiana, mas transmutar este conhecimento em palavras, associando-as ao artefato, deu-me grande entendimento, quase prático, acerca dos efeitos da sombra e da persona no processo de individuação de um sujeito.

Desta maneira, encerro esta tarefa, satisfeito e inquieto, como testemunha viva do processo paradoxal na qual sempre se encontra nossa psique. Mesmo que ciente de que alcancei o possível dentro de minhas atuais capacidades, aguardo com ansiedade os próximos passos na busca pela prática clínica, com a certeza de que o tempo me fará olhar para o passado com carinho, percebendo o desenvolvimento obtido a partir deste ponto que ficará fixo e registrado no tempo, e com cuidado, a fim de não me desviar do principal objetivo de vida de todos os seres humanos segundo a psicologia junguiana: a individuação.

## REFERÊNCIAS

- Apuleio, L. (1995). *O asno de ouro*. (R. Guimarães, Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro. (Trabalho original publicado em 180 D.C.)
- Barreto, M. H. (2017). Vilão ou herói? Uma meditação sobre a representação do negro em dois contos folclóricos brasileiros. *Junguiana*, 35(1), 49-60.
- Bizarria, F. P. A., Tassigny, M. M., Oliveira, N. T. G., & Jesuíno, S. L. C. S. (2013). Reflexões sobre diagnóstico psiquiátrico à luz da psicologia analítica. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 148-168.
- Bly, R. (2016). A comprida sacola que arrastamos atrás de nós. (M. Scoss, Trad.). In Zweig, C.; Abrams, J. (Orgs.). *Ao encontro da sombra* (15ª ed.). (pp. 30-36). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1990)
- Campbell, J. (1990). *O poder do mito* (31ª ed.). (Carlos Felipe Moisés, Trad.). São Paulo: Palas Athena. (Trabalho original publicado em 1988)
- Carvalho, A. G. R., & Freire, J. C. (2019). Psique e ética em C. G. Jung: o lugar do irracional na constituição do etos. *Psicologia USP*, 30, 1-10.
- Ferreira, A. C., & Silveira, L. H. L. (2015). Do Círculo de Eranos à construção do simbólico, em Carl Gustav Jung. *Psicologia USP*, 26(2), 259-268.
- Frey-Rohn, L. (2016). Como lidar com o mal. (M. Scoss, Trad.). In Zweig, C., & Abrams, J. (Orgs.). *Ao encontro da sombra* (15ª ed.). (pp. 287-291). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1990)
- Gewehr, R. B. (2019). Entre filosofia e ciência: o problema do naturalismo na psicologia de Carl Gustav Jung. *Psicologia USP*, volume 30, e160020.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Hall, C. S., & Nordby, V. J. (2005). *Introdução à Psicologia Junguiana* (8ª ed.). (H. L. Dantas, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1973)
- Hollis, J. (1995). *A passagem do meio: da miséria ao significado da meia-idade*. (C. G. Duarte, Trad.). São Paulo: Paulus. (Trabalho original publicado em 1993)
- Hollis, J. (1999). *Os pantanais da alma: nova vida em lugares sombrios*. (C. G. Duarte, Trad.). São Paulo: Paulus. (Trabalho original publicado em 1996)
- Hollis, J. (2010). *A sombra interior: por que pessoas boas fazem coisas ruins?*. (S. Y. Hirae, Trad.). Osasco: Novo Século. (Trabalho original publicado em 2007)
- Hollis, J. (2017). *Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas*. (D. F. Yago, Trad.). São Paulo: Paulus. (Trabalho original publicado em 2013)

- Jung, C. G. (2008). *O homem e seus símbolos* (2ª ed.). (M. L. Pinho, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1964)
- Jung, C. G. (2012). *Psicologia e religião* (11ª ed.). (Pe. Dom M. R. Rocha, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1938)
- Jung, C. G. (2013a). *O desenvolvimento da personalidade* (14ª ed.). (Frei V. Amaral, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1967)
- Jung, C. G. (2013b). *Psicogênese das doenças mentais* (6ª ed.). (M. S. Cavalcanti, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1958)
- Jung, C. G. (2013c). *Estudos Alquímicos* (4ª ed.). (D. M. R. F. Silva, & M. L. Appy, Trans.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1968)
- Jung, C. G. (2014a). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (11ª ed.). (M. L. Appy, & D. M. R. F. Silva, Trans.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1954)
- Jung, C. G. (2014b). *Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur*. (L. Richter, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1999)
- Jung, C. G. (2015). *O eu e o inconsciente* (27ª ed.). (D. F. Silva, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Jung, C. G. (2016). *Memórias, sonhos, reflexões* (30ª ed.). (D. F. Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1961)
- Koller, S. H., Couto, M. C. P. P., & Von Hohendorff, J. (orgs). (2014). *Manual de produção científica*. Porto Alegre: Penso.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro, & F. Settineri, Trans.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1997)
- López-Pedraza, R. (2010). *Sobre Eros e Psiquê: um conto de Apuleio*. (R. Cirani, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 2003)
- Novaes, C. S. (2016). Corrupção no Brasil: uma visão da psicologia analítica. *Junguiana*, 34(2), 5-17.
- Oliveira, M. M. T. (2013). O Poder da máscara no Psicodrama: a sombra e a luz. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 183-191.
- Pictures, W. B. (Produtora), & Phillips, T. (Diretor). (2019). *Coringa* [Filme]. EUA: Warner Bros.
- Pinto, E. R. (2014). Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17(1), 135-153.
- Pinto, K. M. (2007). Crônica de um fim anunciado: o debate de Freud e Jung sobre a teoria da libido. *Ágora, volume X* (1), 75-88.

- Ramírez Gómez, F. A. (2014). A dinâmica do feminino e do masculino na psicologia analítica junguiana. *Revista Colombiana de Ciências Sociais*, 5 (1), 154-170.
- Sá, J. F. R., & Fernandes, E. G. (2016). Psicologia analítica e a interpretação dos personagens dos sonhos lúcidos. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1), 146-152.
- Santos, C. C. (1976). *Individuação Junguiana*. São Paulo: Sarvier.
- Schmookler, A. B. (2016). O reconhecimento da nossa cisão interior. (M. Scoss, Trad.). In Zweig, C., & Abrams, J. (Orgs.). *Ao encontro da sombra* (15ª ed.). (pp. 2011-214). 5 ed. São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1990)
- Shakespeare, W. (2000). *Macbeth*. (B. Viéga-Faria, Trad.). Porto Alegre: LP&M. (Trabalho original publicado em 1623)
- Silveira, N. (1981). *Jung: vida e obra*. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Sófocles. (2015). *Édipo Rei*. (P. Neves, Trad.). Porto Alegre: LP&M. (Trabalho original publicado em 429 A.C.)
- Stein, M. (1998). O pai devorador. (M. S. M. Netto, Trad.). In Downing, C. (org.). *Espelhos do Self: as imagens arquetípicas que moldam sua vida* (10ª ed). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1991)
- Stein, M. (2006). *Jung: o mapa da alma: uma introdução* (5ª ed). (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1998)
- von Franz, M. L. (2008). O processo de individuação. (M. L. Pinho, Trad.). In Jung, C. G. *O homem e seus símbolos* (2ª ed). (pp. 207-307). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1964)
- von Franz, M. L. (2016). A percepção da sombra nos sonhos. (M. Scoss, Trad.). In Zweig, C., & Abrams, J. (Orgs.). *Ao encontro da sombra* (15ª ed.). (pp. 57-60). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1990)
- Whitmont, E. C. (2016). A evolução da Sombra. (M. Scoss, Trad.). In Zweig, C., & Abrams, J. (orgs.). *Ao encontro da sombra* (15ª ed.). (pp. 36-42). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1990)
- Zweig, C., & Abrams, J. (orgs.). (2016). *Ao encontro da sombra*. (15ª ed.). (Merle Scoss, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1990)